

VOL. V

1899-1900

N.º 11 E 12

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREDISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1900

SUMMARIO

A JUDIARIA VELHA DE LISBOA: 305.

RUINAS DO CONVENTO DO ALCANCE (ALEMTEJO): 327.

ANTIGUIDADES DO SUL DE PORTUGAL: 330.

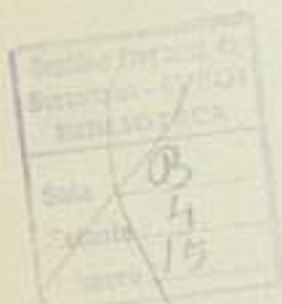
EPITAPHIOS: 334.

MUSEU MUNICIPAL DE BRAGANÇA: 336.

NOTÍCIAS VARIAS: 337.

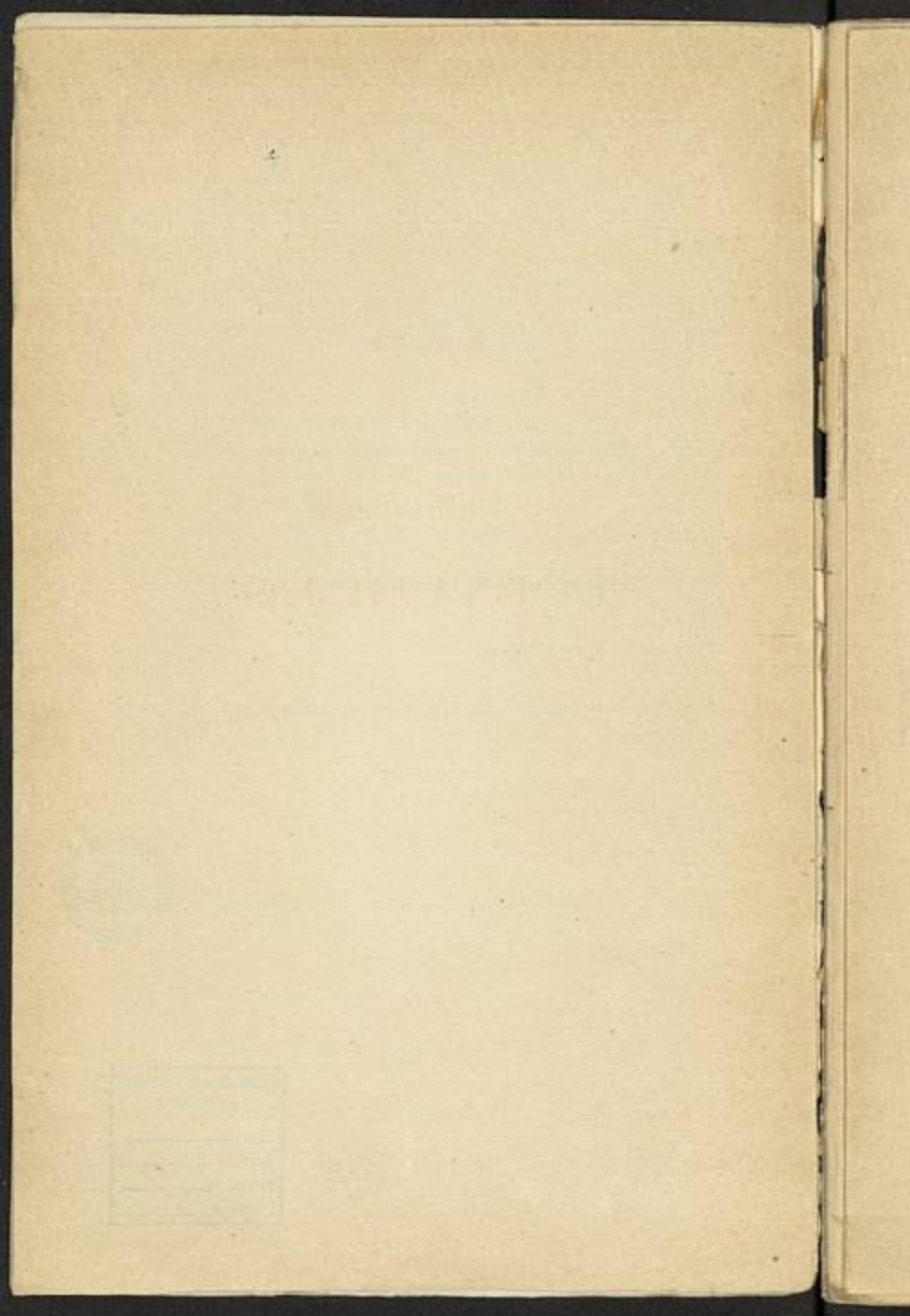
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 343.

Este fasciculo vae illustrado com 4 estampas.





ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	REGISTROS
Serie	REGISTROS
Libro n.º	92



O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS

PORTUGUESE

Q. 190

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REDACITOR — J. LEITE DE VASCONCELLOS

VOL. V

PRÉHISTÓRIA — EPIGRAPHia



NUMISMÁTICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virosum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1900



THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY
NEW YORK

ROSEN STERN, NEW YORK

NEW YORK, N. Y.



COLLABORADORES DO VOLUME V

- A. B. DE F.: 24.
A. F. BARATA: 87.
ALBANO BELLINO: 295.
ALBINO PEREIRA LOBO: 14, 44, 79, 105, 114, 136, 143, 184, 249,
279, 290, 336.
ANTONIO DE VASCONCELLOS: 75.
ARRONCHES JUNQUEIRO: 7.
ARSENIO ALVARES DA SILVA: 168.
A. DOS SANTOS ROCHA: 205.
A. VIEIRA DA SILVA: 305.
C. DA CAMARA MANOEL: 327.
E. HÜBNER: 49.
EPIPHANIO DIAS: 334.
F. ALVES PEREIRA: 34.
GABRIEL PEREIRA: 110.
HENRIQUE BOTELHO: 281.
J. LEITE DE VASCONCELLOS: 1, 12, 13, 17, 31, 32, 33, 40, 43, 46,
52, 74, 79, 87, 93, 104, 109, 120, 123, 138, 166, 167, 170, 192,
193, 206, 225, 253, 281, 282, 287, 295, 330, 337.
JOAQUIM DE CASTRO LOBO: 167.
JOSÉ CALLADO: 42.
JOSÉ JOAQUIM NUNES: 102.
JOSÉ PESSANHA: 65, 97, 129, 161.
JULIO MEILI: 54.
L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA: 2, 134, 151, 175.
MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS: 10, 47.
MANOEL JOSÉ DA COSTA E SILVA: 107.
P. BELCHIOR DA CRUZ: 122, 177, 202.
PEDRO A. DE AZEVEDO: 26, 49, 81, 90, 115, 146, 153, 187, 212,
254, 257, 297, 337, 343.
ROBERT MOWAT: 17.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 11 E 12

A Judiaria Velha de Lisboa¹

Estudo topographico sobre a antiga Lisboa

Muito se tem escrito sobre o antigo e principal bairro dos judeus em Lisboa, a que chamavam Judaria Velha ou Judaria Grande, mas geralmente ignora-se hoje a região em que existia, e os seus limites. Occupava uma pequena extensão do valle da Cidade Baixa, entre a Rua Nova e a igreja de S. Nicolau, e entre a igreja da Magdalena e a de S. Julião. Esta Judiaria, ou Judaria, como se encontra escrito nos documentos mais antigos, remonta pelo menos ao reinado de D. Afonso III², mas na nossa opinião, como em outro ponto se acha exposta³, já este bairro antes da conquista de Lisboa em 1147 estava destinado para os judeus, comquanto alguns d'estes vivessem isoladamente entre os christãos, á semelhança do que acontecia com os musulmanos, que, tendo as suas Mourarias, moravam alguns d'elles nas ruas da cidade destinadas aos christãos. De um caso e de outro vimos referencias nos livros das *Chancellarias*. D. Affonso Henriques, tomando a cidade aos musulmanos, permittiu que os judeus continuassem vivendo nos bairros que lhes estavam assignados.

Além d'esta houve em Lisboa outras judiarias.

No Campo da Pedreira, no sitio approximadamente do Largo do Carmo e seus arredores, havia em tempo de D. Dinis uma Judiaria,

¹ Este artigo é extracto de um artigo intitulado «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*» em publicação na REVISTA DE ENGENHARIA MILITAR.

² *Direitos Reaes*, liv. II, fl. 86 v, era 1314 (anno 1276).

³ «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*», capitulo sobre «*Algumas considerações sobre o estuario do Tejo e a população na Baixa de Lisboa*».

de que este rei desapossou os moradores, afim de fazer doação ao seu almirante Micer Manuel Peçanha *do meu (do rei) lugar da Pedreira, per onde foi deusado para os Judeus, com casas, e com terras* (1317)¹.

Um documento dois annos posterior, alludindo á doação, dá a entender que já os judeus haviam sido desalojados da sua Judiaria:..... *casas e terreo (terreno) da Pedreira onde moravam os Judeus em Lisboa* (1319)².

Comquanto houvesse varias Pedreiras em Lisboa, não resta dúvida de que esta, que foi dada ao almirante, ficava entre o convento da Trindade e o sitio onde foi construido o do Carmo, pois que D. Dinis resolveu sobre uma reclamação que o almirante lhe fez contra os frades da Trindade, *que lhe tomam o meu campo da pedreira que lhe eu (o rei) dei, soterrando ali os homens para lh'o alhearem e fazerem perder o seu direito* (1320)³.

Podemos, pois, assentar que foram os hebreus expulsos de uma Judiaria que tinham onde depois foi o Largo do Carmo, entre os annos de 1317 e 1319. É provavel que fossem então fundar a Judiaria Nova, que ficava approximadamente no sitio onde existe a actual igreja de S. Julião. O Dr. Fr. Francisco Brandão colloca a criação d'esta Judiaria no reinado de D. Affonso IV, baseando-se apenas em que no tempo d'este rei é que começam a apparecer as referencias a esta Judiaria Nova⁴, mas, pelo que acabamos de ver, é natural que já existisse nos ultimos annos do reinado de D. Dinis.

De uma quarta Judiaria em Lisboa encontramos menção, e ficava ella no sitio de Alfama, perto da Torre de S. Pedro, d'onde resultou chamar-se-lhe Judiaria de Alfama: *chão que elle (o rei) ha na Judaria de Alfama, que parte com o muro da parte do mar, e com o muro da villa, e com o muro da torre de S. Pedro, e com o chão da Sé* (1379)⁵.

¹ *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 108, era 1355. Documento transcrito pelo Dr. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana*, sexta parte, 1672, pag. 240.

² *Id.*, *ibid.*, fl. 127 v, era 1357. Citado por Fr. F. Brandão, *Monarchia Lusitana*, sexta parte, 1672, pag. 17.

³ *Id.*, liv. IV, fl. 86, era 1358.

⁴ *Monarchia Lusitana*, quinta parte, 1650, fl. 22 v.

⁵ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. II, fl. 50, era 1417. Não sabemos o que era a villa a que allude o documento, porquanto na epocha de que está datado já Lisboa era sempre designada por cidade.

Fr. Francisco Brandão faz referencia a umas casas que João Vagado, escrivão da Fazenda de D. Affonso V, fez da porta da barreira até a torre de S. Pedro, que he sobre a Judiaria d'Alfama (1459)¹.

Esta Judiaria tinha, como as outras, a sua synagoga: a synagoga (synagoga) que foi, que é na dita cidade, na judaria pequena que foi, d (junto da) torre de S. Pedro; parte ao norte com rua publica, ao poente com a travessa que vae ter ao muro (1502)². Esta Judiaria, como as outras, foi extincta em 1496, e d'ella resta como unico vestigio o nome de uma rua, Rua da Judiaria, que vae do Arco do Rosario, ao Terreiro do Trigo, ter ao largo de S. Rafael.

*

Fr. Francisco Brandão, generalizando a todos os tempos o que se dera em outros mais proximos do seu, disse que aos Mouros lhe dauão vinenda nos arrabaldes fóra das Cidades e Villas, e aos Judeus permitido viuer dentro das Cidades, ainda que fechados nas judiarias e com goardas³. Depois d'elle muitos o teem repetido⁴, sem notarem que é uma inexactidão flagrante; o bairro da Pedreira onde moravam os judeus fóra tanto arrabalde de Lisboa, como a Mouraria destinada para os musulmanos; a Judiaria Velha, comquanto no centro da povoação commercial christã, não estava comprehendida pelo recinto das muralhas, e só o foi no reinado de D. Fernando, depois da construcção da cerca nova. Fernão Lopes disse implicitamente que estavam a Judiaria Velha e a Nova em um arrabalde de Lisboa, porque assim considerava todo o bairro habitado do valle da Baixa: grande e espaçoso arravallde que havia arredor da cidade, des a porta do ferro ataa porta de Santa Catellina, e des a torre Dalfama ataa porta da Cruz⁵; quanto á Judiaria de Alfama temos alguns fundamentos para conjecturar que ficava tambem exteriormente ás muralhas da cidade.

*

Indicámos já approximadamente a zona que occupava a Judiaria Velha; vê-se quão distante ficava do sítio onde se construiu a igreja

¹ *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 17. — Outra citação da Judiaria de Alfama está na *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxvi, fl. 144 v, anno 1459.

² *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v.

³ *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

⁴ *O Panorama*, vol. i, 1837, pag. 20, etc.

⁵ *Chronica do senhor Rei D. Fernando, nono rei de Portugal*, na *Collecção de livros inéditos de Historia Portuguesa*, etc., tom. iv, 1816, pag. 311.

e o recolhimento da Misericórdia, onde é geralmente collocada, sem razão, a mesma Judiaria.

Ao findar o seculo xv soava tambem para as Judiarias e para as Mourarias em Portugal a sua hora final: *ho qual foi declarado, e publicado, estando elRei ainda em Muja, no mez de dezembro de mccccxcvj (1496), em hũa pregação que se sobre isso fez, e nam somente se assentou no conselho que hos Judeus se fossem do regno, com suas mulheres, e filhos e bês, mas tambem hos mouros pelo mesmo modo*¹.

Em dois annos se retiraram do reino os judeus e os musulmanos que não quizeram converter-se á fé christã, e desde então passaram a chamar Villas Novas aos bairros em que elles haviam habitado. Especialmente pelo que respeita á Judiaria Velha de Lisboa ou Judiaria Grande, por muitos annos, desde o de 1498, os documentos se referem a ella por alguma das designações seguintes: *villa nova que foi judaria grande*, ou *villa nova a nova que foi judaria grande*².

E podemos affirmá-lo com segurança, porque de centenas de documentos que examinámos, nunca, antes da expulsão dos judeus, vimos qualquer referencia á Judiaria Grande chamando-lhe Villa Nova, e pelo contrario, depois da mesma epocha, e durante a primeira metade do seculo xvi, quasi todos os documentos que alludem a Villa Nova, accrescentam: *que foi judaria grande*, ou *que foi dos judeus*, ou qualquer outra locução indicando que havia pertencido á communa hebraica.

Villa era antigamente synonymo de *bairro*, quando applicada a uma zona de uma cidade. Houve em Lisboa muitas villas (Villa Franca, Villa Gallega, Villa Quente, Villa do Olival, etc.) e algumas Villas Novas (Villa Nova, Villa Nova de Andrade, Villa Nova que foi Judaria, etc.). Em tempo de D. João I foi imposto sobre o vinho o tributo chamado real d'agua, para casear Villa nova³.

¹ *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, por Damiam de Goes, ed. de 1749, parte 1, pag. 18.

² Não fazemos aqui citações especiaes, porque teremos de apresentar bastantes no decurso d'este artigo.

³ *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.^a parte, tom. 1, pag. 178. Conquanto a Judiaria Grande, bem como uma parte da cidade, tivesse ardido completamente, quando os castelhanos cercaram Lisboa no tempo d'el-rei D. Fernando, não foi para reedificar o bairro judeu que se impoz a toda a população de Lisboa o tributo do real d'agua.

Teem alguns auctores supposto que esta Villa Nova era a Judiaria Grande, e que portanto a denominação remonta ao final da primeira dynastia; indicámos já que a origem do nome, applicado á Judiaria, é bastante mais moderna; resta-nos ver onde seria a Villa Nova que motivou o imposto.

Em primeiro lugar, esta Villa Nova é anterior a D. João I: já existia em tempo de D. Fernando, e nella moravam mulheres christãs, o que não podia succeder em bairros destinados exclusivamente para os judeus; D. Fernando fez *mercê a Aldonsa Domingues de umas casas que elle ha em villa nova, em que morasse graciosamente* (1373)¹.

Como muitas pessoas queriam aforar para sempre as casas que o concelho estava fazendo em Villa Nova, com o producto do imposto, e as que d'ahi em diante se construíssem, o rei (D. João I) concedeu que o concelho fizesse os aforamentos que entendesse, sem dependencia de confirmação sua (1410)².

Um outro documento informa-nos que os moradores do logar de Villa Nova eram pobres, e fixava o rei os preços que o concelho podia levar *pelas casas da rua direita, e pelas das travessas do logo de villa nova, afim de que o dito logar se possa poucoar muito melhor.* (1420)³.

No reinado de D. Duarte receavam-se os moradores do novo bairro, das facilidades concedidas ao concelho para aforar as casas, e como medida de segurança pediram ao rei que lhes confirmasse os aforamentos feitos pelo concelho, o que elle lhes prometteu (1434)⁴.

Esta Villa Nova ficava situada no lugar da Pedreira, mas não podemos fixar os limites, nem mesmo approximadamente: *casas na rua da pedreira, a saber, na rua direita que vai para villa nova, que partem com a dita rua publica, e com rua publica que vai para a cordoaria velha* (1444)⁵. A Rua da Cordoaria Velha (anterior a 1755) ia desde o actual Largo da Bibliotheca Publica, ter ao meio, approximadamente, da rua Garrett. Parece que, pelo mesmo tempo, chamavam tambem Bairro do Almirante á Villa Nova acima citada: *no logo que chamam pedreira, no bairro do dito Almirante* (1370)⁶.

A denominação de Villa Nova não durou talvez muitos annos; no seculo XVI vemos apparecer um Bairro do Marquês (qual?), que foi

¹ Chancellaria de D. Fernando, liv. 1, fl. 134, era 1411.

² Chancellaria de D. João I, liv. III, fl. 110, era 1448.

³ Id., liv. IV, fl. 13, era 1458.

⁴ Chancellaria de D. Duarte, liv. 1, fl. 81 c.

⁵ Mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 384.

⁶ Chancellaria de D. Fernando, liv. 1, fl. 68 c, era 1408.

porventura o successor da Villa Nova: *casa junto do bairro do marquez, que parte de uma parte com rua que vai do dito bairro para a cordoaria velha, e da outra parte com beco a que chamam beco de Pedro Rodrigues* (1544)¹. Outras casas do bairro do marquez ficavam situadas ao Chiado, quando se entra já na rua direita da porta de S.^{ta} Catharina (1610)².

Alexandre Herculano escreveu uma vez: *Villa-nova de Gibraltar era a «Communa dos Judeus»*³, e colloca esta communa á beira do Tejo, onde se construiu o edificio da Misericordia. Esta asserção, devido ao respeito que se tem pelos mestres, tem passado como um dogma para todos os escriptores. Nós, não contestando que Alexandre Herculano tivesse visto em algum documento chamar Villa Nova de Gibraltar á Judiaria Grande de Lisboa, só lamentavamos a nossa infelicidade, por os milhares de documentos que tivemos de examinar, e as pessoas a quem consultámos, não nos fornecerem uma só referencia a essa Villa Nova, quando a chave da interpretação nos foi dada pelo habil paleographo o Sr. General Brito Rebello. Provém apenas da leitura errada da palavra *Gibitaria*, nome de uma rua da communa hebraica, em algum documento de peor orthographia. As ruas do bairro judeu, depois da saída d'estes, eram tambem algumas vezes chamadas Villas Novas, como por exemplo Villa Nova do Chancudo⁴, Villa Nova da Gibitaria, etc., locuções equivalentes a Rua do Chancudo em Villa Nova e Rua da Gibitaria em Villa Nova. Devemos pois acceitar que nunca a communa dos judeus em Lisboa teve a denominação de Villa Nova de Gibraltar⁵.

Havia nas Judiarias varias portas, que se fechavam ao *sino de cothor*, interceptando o tracto e a communicação com a gente christã; a

¹ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 410. — O *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12, colloca este beco, em 1551, na freguesia de S. Nicolau.

² *Chancellaria de D. Filipe II*, liv. xix, fl. 269 v.

³ *O Panorama*, vol. 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 403.

⁴ *Extremadura*, liv. i, fl. 277 v, anno 1499.

⁵ Encontrámos uma vez o termo Gibraltar em um documento: *casas que chamam de Gibraltar* (1372), (*Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 282, era 1410); mas pelas confrontações se reconhece que estas casas eram fóra da Judiaria, na freguesia de S. Julião, perto da Rua dos Fornos.

situação de algumas podemos fixá-la approximadamente, dando-nos um meio de marcar tambem pouco mais ou menos a linha divisoria entre as duas crenças. Não nos parece que existisse muro especial entre as habitações dos christãos e as dos hebreus; os proprios muros das propriedades eram sufficientes para manter a separação.

Ficava a esnoga ou synagoga grande da Judiaria Velha perto da igreja da Magdalena, e no sitio marcado na estampa que faz parte d'este artigo¹, onde está designada por igreja de N. S.^a da Conceição dos Freires. Appareceu uma inscripção em hebraico, em uma *excavação que se fez depois do terremoto de 1755, para o alicerce de uma casa*, a qual se referia a uma synagoga que foi acabada no anno 1307 de Christo²; não julgamos que se trate d'esta.

Depois de os mouros e judeus terem sido expulsos do reino (em 1496-98) fez D. Manoel *doação da egreja de N. S.^a da Conceição que se fez na casa grande da esnoga dos judeus ao mestrado de N. Senhor Jesus Christo* (1502)³. Para ali vieram os freires de uma ermida que tinham no sitio do Restello, onde depois se construiu o mosteiro dos Jeronymos, e naquelle templo se conservaram até ao terremoto de 1755. Como em 1698 se levantou a igreja parochial de N. S.^a da Conceição, a antiga igreja dos Freires começaram a chamar Conceição Velha.

¹ Não podemos entrar aqui na exposição de como obtivemos a sobreposição das duas plantas que constam da estampa; pôde ver-se no nosso trabalho sobre *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo intitulado «Mappas, tombos, e documentos aproveitados neste estudo».

² *Revista Archeologica*, vol. III, 1889, pag. 115. — Ahi se diz que a excavação foi feita proximo da egreja da Conceição Velha, onde antigamente houve uma synagoga.

³ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 v. — No preambulo do regimento dado á collegiada da convertida synagoga em 29 de Janeiro de 1504 constam os motivos porque foi creeta em tempo christão: *deliberamos (o rei) da casa da esnoga dos judeus que estavam na judiaria grande desta cidade, así como era a mayor principal em que o nome de noso senhor era blasfemado, he as cousas de nosa santa fée catolica reprouadas e emmingoadas, fasermos huma solene igreja e casa da enuocação de nosa senhora da conceição, na qual com muy grande solenidade e deução os officios deusinos fossem celebrados.* — *O Panorama*, vol. 2.^a, serie 2.^a, 1843, pag. 404.

Diz Damião de Goes que D. Manoel fez de novo a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa no lugar em que fora a sinagoga dos Judeus¹; naturalmente esta fundação reduziu-se apenas á purificação do templo, e ás obras necessárias para adaptação ao culto christão.

Era a Igreja muy vistosa, e alegre de hũa só nave com a porta principal para o Poente, e outra para o Sul²; foi consumida pelo fogo no terremoto de 1755³.

A sua situação na planta actual de Lisboa era no leito da Rua da Princesa (dos Fanqueiros), a meia distancia das ruas de S. Nicolau e da Conceição (dos Retrozeiros).

Além da esnoga grande havia outras synagogas na Judiaria Velha. Ha um documento que dá a entender que eram tres; em 1445 se passou sentença a favor d'esta egreja de S.^{ta} M.^a Magdalena, contra a communa dos judeus, que pagasse cada anno de cada synagoga 50 reaes brancos, que faziam 150 reaes brancos, que a judaria grande pagava por todas as outras em dia de Paschoa⁴.

Uma d'ellas era naturalmente uma esnoga que foi das judias, que pelas costas ficava mistica com um hospital que foi da communa; loja que parte de uma parte com casas da esnoga que foi das judias, e da outra com hospital que foi da communa, e entesta com casas de F., e por diante com rua que se chama da synagoga (1499)⁵.

Pela ignorancia em que nos achamos de qual a rua a que davam aquella denominação, não podemos calcular onde ficava situada a synagoga das judias. Havia um Beco ou Pateo da esnoga⁶, para onde se entrava por um arco na Rua do Chancudo⁷; talvez fosse ahí a esnoga das judias.

¹ *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, ed. de 1749, parte iv, pag. 600.

² *Chorographia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450. — As medições da egreja estão no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270 v.

³ *Historia Universal dos Terremotos*, etc., por J. J. Moreira de Mendonça, 1758, pag. 128.

⁴ *Collegiada da Magdalena*, n.^o 14, documento sem data mas posterior a 1768.

⁵ *Extremadura*, liv. ii, fl. 203.

⁶ *Chorographia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 167.

⁷ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 166 r.

Esta, ou mais provavelmente uma outra synagoga, ficava situada em villa nova que foi judaria grande, na freguezia e rua de S. Gião (Julião) (1502)¹; esta rua é a que depois se chamou rua dos Mercadores.

Ao norte da synagoga passava uma rua que em 1755 se chamava Rua ou Travessa dos Latoeiros², mas que no tempo de C. Rodrigues de Oliveira (1551) denominavam Rua das Ferrarias Velhas³, ou da Ferraria Velha⁴, e que no tempo dos hebreus era a Ferraria da Judiaria⁵ ou a judiaria dos ferreiros⁶; ha muitas confrontações de tendas, situadas na judaria velha, onde estão os ferreiros, que partiam ao avrego (sul) com a synagoga e a aguião (norte) com a rua publica (da Ferraria)⁷; depois da saída dos judeus a synagoga é substituída, nas confrontações, pela nova igreja: casas na correaria, á porta de villa nova que foi judaria, na ferraria, junto com N. S.^a da Conceição; partem por detraz com a igreja de N. S.^a da Conceição, e por diante com a dita rua publica que vae de villa nova, que foi ferraria (1507)⁸.

No extremo oriental d'esta rua ficava uma porta da Judiaria. O documento antecedente cita-a, e grande numero de outras se referem a ella casas que são na rua que vae da Magdalena para S. Nicolau (Rua da Correaria, de 1755), á porta da judaria dos ferreiros (1459)⁹; — casas que são na sapataria (Rua da Correaria, de 1755), apar da porta da rua da ferraria da judaria velha; partem ao avrego (sul) com rua publica (1423)¹⁰.

¹ Cancellaria de D. Manoel, liv. vi, fl. 103 v.

² Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 305 v. — *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tomo iii, 1712, pag. 450.

³ *Summario*, etc., ed. de 1755, pag. 17.

⁴ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. i, pag. 551, nota. — *Chancellaria de D. João III*, liv. xxi, fl. 91 v, anno 1536.

⁵ *Chancellaria de D. João I*, liv. iv, fl. 63 v, anno 1423. — *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxiii, fl. 27, anno 1442. — *Extremadura*, liv. vi, fl. 223 v, anno 1495.

⁶ *Extremadura*, liv. xi, fl. 296, anno 1459.

⁷ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. i, fl. 25 v, era 1406 (anno 1368). — *Id.*, liv. i, fl. 36, era 1407 (anno 1369). — *Id.*, liv. ii, fl. 63 v, era 1418 (anno 1380).

⁸ *Extremadura*, liv. xiii, fl. 11 v.

⁹ *Id.*, liv. xi, fl. 296.

¹⁰ *Chancellaria de D. João I*, liv. iv, fl. 63 v.

Do largo em que ficava situada a igreja da Conceição dos Freires saía, em direcção á igreja de S. Julião, uma rua que se chamava dos Mercadores¹; algumas vezes tambem apparece designada por Rua da Conceição; *casas na rua da Conceição, que fazem um canto para a rua do vidro* (1556)².

Em tempos mais remotos, uma parte d'esta rua, para nascente do ponto em que nella desembocava a Rua dos Carapuceiros, tinha pertencido á Judiaria, e chamava-se-lhe Rua do Picoto³: *rua do picoto, que vem ter á rua que vem para S. Gião, que foi judaria grande, que ora se chama villa nova* (1499)⁴; — *casas n'esta cidade abaixo da Conceição; tem duas servidões, uma para um beco da rua dos mercadores, que se chama (a rua) do picoto, e tem outra serventia para a rua do chancudo* (1559)⁵. O beco a que neste ultimo documento se faz referencia é provavelmente o Beco do Coveiro⁶. Extincta a Judiaria, á rua direita chamou-se ao principio Rua de Villa Nova dos Mercadores⁷.

A outra parte da Rua dos Mercadores, até á Rua Nova dos Ferros, era christã, e chamava-se-lhe Rua de S. Gião (Julião)⁸.

O ponto de separação entre a communa hebraica e a freguesia de S. Julião era nesta rua marcado por uma porta, cuja situação presumimos que seria entre o Beco do Coveiro e a Rua dos Carapuceiros; vimos já um documento que a cita, e ha outros: *casas que são*

¹ *Tomba da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 327 v. — *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444 e 450.

² *Privilegios de D. João III*, liv. v, fl. 258 v. — *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

³ *Chancellaria de D. João I*, liv. iv, fl. 9, anno 1425. — *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 209, anno 1436. — *Extremadura*, liv. viii, fl. 299, anno 1451. — *Idem*, liv. iii, fl. 198, anno 1484. — *Livro das Proprias das Casas e Heranças d'el-Rei Nosso Senhor*, n.^o de ordem 93, anno 1506, fl. 25.

⁴ *Extremadura*, liv. ii, fl. 206 v.

⁵ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.^o 239.

⁶ *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — *Tomba da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 355.

⁷ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. I, pag. 551, nota, documento da primeira metade do seculo XVI. — *Chancellaria de D. João III*, liv. vi, fl. 121, anno 1543, etc.

⁸ *Dourados d'Alcobaga*, liv. i, fl. 116, anno 1476.

na rua do picotó, entrando por a porta da judaria que é na rua que vem de S. Gião, á mão direita (1453)¹.

Quasi parallela á Rua dos Mercadores ficava, da banda do norte, a Rua do Chancudo²; esta denominação, porventura alcunha de algum individuo, remonta pelo menos ao reinado de D. Dinis³; pertencia á Judiaria, e perto do seu extremo occidental havia uma porta da communa, a que chamavam a Porta do Chancudo⁴.

Na nossa planta vemos sair d'esta rua, em direcção ao norte, uma pequena rua chamada Beco da Bofetada⁵. Ignoramos aonde os tomadores da cidade em 1755 foram buscar esta designação, pois que o seu nome era Rua ou Beco de D. Rolim ou do Rolim⁶, e d'esta fórma o traz o P.^o J. B. de Castro no *Mappa de Portugal*, que foi escrito pouco depois de 1755⁷.

Esta rua pertencia á communa dos judeus: casas que estavam em villa nova que se chama judaria grande, na rua que se chama de D. Rolim (1499)⁸; — casas em villa nova na rua de D. Rolim, e entestam na rua do chancudo, freguezia de S. Nicolau, e partem ao norte e levante com casas, ao sul com a dita rua do chancudo, e ao poente com a rua de D. Rolim (1502)⁹.

¹ *Extremadura*, liv. iv, fl. 287 v.

² *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 316.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13 v e 16 v, documento do anno de 1299.

⁴ *Chancellaria de D. Dinis*, liv. ii, fl. 85 v, era 1332 (anno 1294). — *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 16 v, anno 1299. — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxv, fl. 104, anno 1471. — *Idem*, liv. xxxii, fl. 33 v, anno 1480.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 116.

⁶ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12. — *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440.

⁷ Ed. de 1870, tomo iii, pag. 231.

⁸ *Extremadura*, liv. i, fl. 272. — *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.^o de ordem 93, anno 1506.

⁹ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

Foi esta rua aberta por 1480, ou por Fernão de Moura e D. Rolim, ou em terreno de umas casas d'estes¹; alguns annos mais tarde ainda D. Rolim tinha umas casas junto da Porta do Chancudo: *tenda detraz da porta do chancudo, encostada ao muro das casas de D. Rolim* (1506)².

Junto aos extremos d'esta rua ficavam duas portas da Judiaria; a situada ao sul tinha uma denominação propria, Porta da Rua do Chancudo ou Porta do Chancudo; as que apparecem citadas nos seguintes extractos referem-se por isso naturalmente á que ficava do lado norte, bem que os documentos não permitam affirmá-lo com completa segurança: *uma porta que vae da rua de S. Nicolau* (nesse sitio chamado Rua do Calçado Velho) *para a rua de D. Rolim, que está em villa nova que foi judaria*; junto d'ella havia umas casas que *partem com rua publica que vae de S. Gião para S. Nicolau* (Rua do Calçado Velho), *e por detraz com rua publica de D. Rolim que vae para a correaria* (1501)³. Ha um documento que diz: *á porta da judaria que se chama de D. Rolim*⁴, e se o qualificativo *de D. Rolim*, se refere á judaria, aquella locução é equivalente a *porta da rua de D. Rolim na judaria*.

As duas ruas que da Travessa dos Latoeiros se dirigiam parallelamente para o norte, a Rua da Tinturaria⁵ e o Beco dos Tintes⁶ ficavam na Judiaria⁷, e nellas estavam installadas as lojas de tintureiros⁸, já desde o tempo dos judeus.

O Beco dos Tintes não se acha rasgado completamente até á Travessa dos Latoeiros, na *Planta da Cidade de Lx.*⁹ (1650) por João Nunes Tinoco, de onde parece dever inferir-se que foi aberto, como estava em 1755, nos cem annos que precederam o terremoto.

¹ *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxii, fl. 33 v.

² *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.º de ordem 93, anno 1506.

³ *Extremadura*, liv. ii, fl. 131 v.

⁴ *Id.*, liv. i, fl. 216, anno 1498.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 309 v.

⁶ *Id.*, fl. 318. — É o Beco da tinturaria do *Summario* de C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 18.

⁷ *Extremadura*, liv. ii, fl. 120, anno 1501. — *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. vi, fl. 109 v, anno 1560, etc.

⁸ *Elementos*, etc., por E. Freire de Oliveira, 1.ª parte, tomo i, pag. 557, nota.

Da Rua do Calçado Velho saía para a Rua da Correaria uma outra rua que em 1755 se chamava Rua do Arco de Jesus¹; parece ser a que nos meados do século XVI chamavam Travessa dos Torneiros²; mais tarde Largo dos Carmelitas³; pertenceu naturalmente á communa dos judeus, mas ignoramos como se chamava então.

Nesta rua ficava situado o convento dos Carmelitas Descalços dedicado ao Santissimo Sacramento, ou de Corpus Christi, edificado pela rainha D. Luisa, mulher de D. João IV, no local de umas casas que se derrubaram; a igreja ficava ao sul do convento, e ambas occupavam todo o lado occidental da Rua dos Torneiros⁴; começou-se em 1648, e completou-se em 1661, e nas copias da planta de Tinoco, de 1650, vê-se no seu local um ermida com a denominação, certamente corrupta de ermida do Marinho.

Estes edificios foram destruidos pelo terremoto⁵; na reconstrução da cidade a nova igreja, que tambem chamavam dos Torneiros, occupou muito approximadamente o local da antiga, ficando com a porta para o nascente sobre a Rua da Princesa (R. dos Fanqueiros), e uma elevada cupula; o convento, com o risco das construcções pombalinas, ficava-lhe ao norte, occupando todo, ou quasi todo o quarteirão de casas até á Rua da Victoria. Hoje são tudo propriedades particulares, notando-se ainda a fachada da igreja (onde está um armazem de fazendas) e a cupula (cujo interior constitue uma vasta sala das sessões de uma associação particular).

Nos dois extremos da Rua do Arco de Jesus ficavam provavelmente duas portas da communa; da do lado occidental já tratámos, e talvez fosse o *arco do calçado velho*, a que se faz referencia em um documento⁶; a do lado oriental é possível que fosse a *porta da ju-*

¹ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 163 v.

² *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.

³ *Largo da Igreja dos Carmelitas descalços*, na *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — *Largo dos Carmelitas no Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^o J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

⁴ Pôde ver-se o motivo da fundação na *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440 sqq., e as dimensões do edificio no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 185 v.

⁵ *O terremoto, e incendio memoravel por todo este sagrado edificio na ultima miseria*. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^o J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 216, nota.

⁶ *Chancellaria de D. Philippe II*, liv. XXVIII, fl. 290, anno 1614.

daria que vai para a correaria (1384)¹, ou aquella que ficava defronte de uma certa casa da Rua da Fancaria: na fancaria, apar da porta da judaria (1405)², comquanto, pelas confrontações citadas, tanto se possa entender esta porta, como a que ficava no extremo da Travessa dos Lateiros, que todavia costumava ser especificada pela designação da Rua da Ferraria, na qual era situada.

Desde a Rua do Arco de Jesus até ao adro da igreja de S. Nicolau eram, antes da extinção da communa, habitações de judeus. Possuia D. Dinis uma casa *apud atrium Sancti Nicholai contra judariam* (1299)³.

Sobre este adro abria-se uma porta da Judiaria, que parece ser a mencionada no seguinte extracto: *ad portam de judaria, in collatione Sancti Nicholai, contra judariam* (1299)⁴, e que é com certeza a que se acha em varios documentos: *porta da judaria que vai para S. Nicolau* (1370)⁵; *porta da judaria d'apar S. Nicolau* (1395)⁶.

Parece que o sitio d'esta porta era em um pequeno beco, que em direcção ao sul saia do adro de S. Nicolau, em K; ainda se nota na *Planta da Cidade de Lx.*⁷ (1650) por J. N. Tinoco, mas não existe na *Planta da Cidade de Lisboa Arruinada* (1755), que é a que consta, em fragmento, da nossa estampa, nem o *Tombo da Cidade de Lisboa* (1755) se refere a ella. Nesta ultima planta existe, porém, na mesma direcção, saindo da Rua do Arco de Jesus, o Beco dos Carretões sem saída⁷. Talvez que estes dois becos fossem o resto da antiga rua da communa, em que existia a mencionada porta da Judiaria que communicava com o adro de S. Nicolau.

No sitio approximadamente onde se construiu no terceiro quartel do seculo xvii o Convento dos Carmelitas Descalços tinha D. Fer-

¹ *Chancellaria de D. João I*, liv. i, fl. 74, era 1422.

² *Extremadura*, liv. xi, fl. 89 v, era 1443.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13, era 1337.

⁴ *Id.*, fl. 12, era 1337.

⁵ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. i, fl. 49 v, era 1408.

⁶ *Chancellaria de D. João I*, liv. iii, fl. 41, era 1433. — *Extremadura*, liv. xi, fl. 85, era 1433.

⁷ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440.

nando uma adega, na qual fez abrir uma rua para morada dos judeus: eu (o rei) mandei derribar a rua das taracenas, em que os judeus moravam, para accrescentar as casas das ditas taracenas, em que estão as minhas galés, em a qual rua dizem que moram muitos judeus e judias, e que ora não teem em que morem, porque essa judaria velha é tão pequena que não podem em ella caber, mando-vos que façaes fazer em a minha adega que é apar d'essa judaria velha uma rua pela metade (meio) d'ella, e mandae fazer casas e sobrados de uma parte e da outra, e fazei cerrar a porta da dita adega de contra o adro de S. Nicolau, e abrí uma porta em o outro (lado) da dita adega, de contra a dita judaria, para servidão d'essa rua (1370).¹

E provavelmente esta a origem do Beco da Adega: beco da adega em villa nova que foi judaria grande (1545)², o qual ficava no seguimento da Rua da Tinturaria³.

A *Planta da Cidade de Lx.* (1650), por J. N. Tinoco, bem como a que consta da nossa estampa, mostram apenas em frente da Rua da Tinturaria um pequeno beco, provavelmente o resto do Beco da Adega, que em 1755 se chamava Beco do Ourinol sem saída⁴.

Correspondendo a elle, do lado do adro de S. Nicolau, mostra a primeira das citadas plantas, um pequeno beco, que não existe na que consta da nossa estampa, e que parece ser o que teve a denominação de Beco de Pero Ponce de Leão⁵.

A Rua travessa de N. S.^a da Conceição dos Freires, também chamada vulgarmente a *Travessa da Conceição Velha*, ou simplesmente *Travessa da Conceição*⁶ ia desde a Rua dos Ourives da Prata até á Rua dos Mercadores⁷; alargava a rua defronte da porta travessa da igreja, e do lado sul do mesmo largo houve no tempo dos judeus

¹ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 63, era 1408.

² *Chancellaria de D. João III*, liv. xxv, fl. 50 v.

³ *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. vi, fl. 103 v, anno 1560. — *Chancellaria de D. Filipe I*, liv. xxii, fl. 350 v, anno 1592.

⁴ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165 v. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^e J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. iii, pag. 150.

⁵ Confronte-se com o que diz o P.^e A. C. da Costa na *Corographia Portuguesa*, etc., tom. iii, 1712, pag. 441: mandou alugar tres moradas de casas, todas contiguas áz com outras no sítio em que hoje está a Igreja (dos Carmelitas Descalços), fazendo entrada para ellas pela parte de S. Nicolau, aonde estava o beco de Pero Ponce de Leão, e na ultima morada, q cahia para a Fancaria de cima, aonde hoje está a Capella do Coro deste Convento.

⁶ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17. — *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

⁷ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270.

umas casas que foram estudo de palaçano¹, em villa nova, na praça de N. S.^a da Conceição, em frente da esnoga que foi dos judeus, que ora é casa de N. S.^a da Conceição².

A parte oriental, que communicava o adro da egreja com a Rua dos Ourives da Prata, foi aberta já depois de serem expulsos os judeus: casa em villa nova a nova, na rua nova que ora novamente se abriu, que vai de N. S.^a da Conceição para a Ourivezaria (1504)³.

O Beco do Sardinha⁴ já tinha esta denominação em 1685⁵, que não sabemos de onde provenha.

Terminava na Rua da Gibitaria⁶ ou da Jubetaria⁷, que, como aquella, pertencia á communa⁸; na rua da gibitaria, em villa nova a novo, que foi judaria grande (1502)⁹. Nesta rua havia uns banhos dos judeus¹⁰, ou talvez antes das judias¹¹, que eram naturalmente alimentados pela agua das thermas romanas que naquella sitio existiram.

Na Rua de S. Julião, a meio do lanço comprehendido entre as ruas Bella da Rainha (R. da Prata), e da Princesa (R. dos Fanqueiros),

¹ Palaçano ou Apelaçano é appellido de origem hebraica. — Veja-se *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. III, fl. 33, anno 1453.

² *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 v, anno 1502. — *Extremadura*, liv. IX, fl. 239 v, anno 1503.

³ *Extremadura*, liv. VI, fl. 1. — *Idem*, liv. IX, fl. 164 v, anno 1503.

⁴ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 272, 272 v, 298, 321 v, 322, etc.

⁵ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. I, pag. 557.

⁶ *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450: rua da Gibitaria Velha. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^a J. B. de Castro, ed. de 1870, tomo III, pag. 150. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 321. — Assim tambem em muitos documentos das *Chancellarias*.

GIBITERIO; official que fazia gibantes, giboes, e vestidos d'armas, sayas de malha, etc. — *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBETARIO; alfayate que fazia «Gibantes». E mais propriamente o algibebe, que remenda ou compoem vestidos, ou roupas velhas, e rotas. — *Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBETARIA; vulgarmente Algibetaria. He a rua em que se vendem juboes, calções, etc. — *Vocabulario*, de Bluteau.

⁷ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17. — *Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXI, fl. 52 v, anno 1561.

⁸ *Extremadura*, liv. VIII, fls. 60 v. e 137, anno 1481.

⁹ *Id.*, liv. IX, fl. 128.

¹⁰ *Id.*, liv. I, fl. 252 v, anno 1500.

¹¹ *Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXII, fl. 55 v.

houve até ao terremoto um poço, provavelmente em comunicação com as nascentes thermaes, com 15 palmos de largo, e 30 em redondo, que é de muito boa agua¹. D'elle se refere que no dia do terremoto lançara de si toda a agua e alguns peixes².

Chamava-se-lhe no reinado de D. Dinis, Poço da Fotreya³, e depois Poço da Fotéa⁴, nome de origem evidentemente hebraica.

Ficava situada no Largo do Poço da Fotéa⁵, do qual saíam quatro ruas: a Rua ou Beco de S. João, o Beco dos Seguros, a Travessa do Poço da Fotéa, o Beco de Lava-Cabeças; a primeira pertencia á Judiaria; a segunda cremos que não; as ultimas eram christãs.

A Rua ou Beco de S. João⁶ era anteriormente chamada Rua do Poço da Fotéa⁷, e umas vezes era considerada Rua Direita⁸, e outras simples beco: casas em villa nova, na rua dos mercadores, na freguezia de S. Julião; partem ao levante (?) com a dita rua publica dos mercadores, e ao poente com o beco que se chama do poço de Fotéa (Rua de S. João) (1502)⁹.

No extremo sul d'esta rua ficava uma porta da Judiaria, que tambem se chamava Porta de Fotéa: no beco acima da porta de Fotéa por onde entram para a judaria (1436)¹⁰. — porta que está apar do poço de Fotéa (1438)¹¹.

Entrando pois pela Porta da Fotéa, em direcção ao norte, encontrava-se do lado esquerdo um beco, naturalmente o Beco dos Agulheiros¹², onde os judeus tinham as suas carnearias: in carne-

¹ *Archivo Pittorresco*, vol. iv, 1861, pag. 407, documento de 1552.

² *Diccionario Geographico*, do ms. Archivo Nacional da Torre do Tombo, tom. xx, *Parochia da Conceição*, por Braz José Rebello Leite, pag. 743.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fls. 13 v, e 16 v, era 1337 (anno 1299).

⁴ *Chancellaria de D. Afonso IV*, liv. iii, fl. 12, era 1365 (anno 1327).

⁵ *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 299, 303 v, etc.

⁶ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 290 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

⁷ *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v, anno 1500. — *Idem*, liv. vi, fl. 118, anno 1504. — *Sumario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

⁸ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193, anno 1436. — *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxxiv, fl. 166 v, anno 1450.

⁹ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

¹⁰ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193.

¹¹ *Mosteiro de Chellas*, letra E, fl. 5.

¹² *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 292 e 293.

çarias in judaria, apud puteum de fotrega (1299)¹. No terceiro quartel do século XIV já lhes chamavam carneçarias velhas²; foram queimadas pelo exército de D. Henrique II em 1373³, e ficando reduzidas a pardieiros⁴, tiveram por isso de transferir os talhos para outro lugar.

As seguintes confrontações marcam claramente o local das carneçarias: *pardieiros que elle (o rei) ha na judaria velha, junto com o poço de Fotéa, partem ao levante com judaria, ao poente e arrego (sul) com casas; a aguião (norte) o beco que foram carneçarias* (1374)⁵—..... *sotão e sobrado que são na judaria velha, onde em outro tempo soiam de ser as carneçarias velhas, que são junto com um beco que está apar da porta por que sahem da dita judaria ao poço de Fotéa, quando vão da dita porta á mão esquerda para a rua direita* (1436)⁶.

Transferidas pois as carneçarias do beco perto do Poço de Fotéa foram installadas talvez no sítio a que se faz referencia no seguinte documento: *dois sobrados e mais um retrete (sic) com um poço, que desce dos ditos sobrados para a rua da correaria, os quaes sobrados estão sobre uma loja de um judeu detraz da dita correaria de contra a judaria, assim como partem de um cabo com a estalagem dos judeus, e do outro com a rua da carneçaria dos ditos judeus, e de leste com a casa de F. (judeu), e da parte da rua da correaria partem com F. (christão),* (1484)⁷. Esta Rua da Carneçaria, se não era a Rua do Arco de Jesus (de 1755), devia ser o Beco dos Tintes, ou alguma outra n'essas proximidades, que desapareceu, ou não se acha marcada na estampa.

Na mesma Rua do Poço da Fotéa havia, do lado esquerdo caminhando para o norte, um outro beco, porventura o Pateo de Campolide⁸, em que estava situada a cadeia dos judeus, que julgamos ser o

¹ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 160, era 1337.

² *casa em Lisboa, na judaria dentro no beco d'apar das carneçarias velhas* (1369).— *Chancellaria de D. Fernando*, liv. 1, fl. 41 v, era 1407. *casas que são na judaria velha, que partem com outras casas novas, que são dentro no beco d'apar d'onde soiam estar as carneçarias velhas dos judeus* (1369).— *Extremadura*, liv. xi, fl. 93 v, era 1434.

³ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. 1, fl. 193, anno 1436.

⁴ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. 1, fl. 128, era 1411 (anno 1373).

⁵ *Id.*, *ibid.*, fl. 150 v, era 1412.

⁶ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. 1, fl. 193. —Veja-se também *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 107, era 1418 (anno 1380).

⁷ *Mosteiro de Chellas*, n.º 802.

⁸ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 294 v.

que alguns documentos chamam *alfavez*¹: *casas que são na judaria velha, na rua direita* (Rua de S. João, de 1755), *assim como vão para a porta do poço da Fotéa, à mão esquerda, apar do canto de um beco onde está o alfavez dos judeus* (1450)². — *casas que foram cadeia dos judeus, em villa nova que foi judaria grande, na freguezia de S. Gião, em um beco que sae á rua do poço de Fotéa* (1500)³. — *rua que vai do poço para o poço da Fotéa, defronte de um beco onde soia de estar a cadeia dos judeus* (1513)⁴.

Vejamos agora as outras ruas que saíam do pequeno largo em que estava o Poço da Fotéa. Ignoramos a origem da denominação do Beco dos Seguros⁵, que parece ser posterior ao século XVII; anteriormente não sabemos qual tivesse; *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem sair á rua nova, onde mora mestre Vasco* (1466)⁶. Esta rua não pertencia á Judaria, cujas casas ficavam misticas pelo fundo, com as que nella existiam da parte do norte; *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem ter onde mora mestre Vasco, e entestam com casas da judaria* (1474)⁷. Em um documento de 1599, que trata de umas casas no beco de mestre Vasco junto ao poço da Fotéa, achase escrito á margem, em letra mais moderna: *casas no beco dos seguros*⁸.

Em direcção ao sul saía do largo a Travessa do Poço da Fotéa⁹; em um dos lados d'esta rua houve em remotas eras uns banhos, banhos de Fotéa, naturalmente alimentados, como os da proxima Rua da Gibitaria, pela agua das *thermas romanas*¹⁰: *pardieiro que soia*

¹ Não encontramos esta palavra nos dicionarios portuguezes, nem no *Vocabulario*, nem no *Elucidario*.

² *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. XXXIV, fl. 166 v.

³ *Extremadura*, liv. I, fl. 252 v.

⁴ *Id.*, liv. XIII, fl. 127. — Outra citação na *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 57 v, anno 1505.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 161 v, 162, 302 v a 304 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^a A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

⁶ *Mosteiro de Chellas*, lettra F, fl. 15.

⁷ *Id.*, lettra G, fl. 4.

⁸ *Id.*, liv. 3, fl. 52.

⁹ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 299 v.

¹⁰ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.^o 338, era 1383 (anno 1345). — *Id.*, n.^o 339, era 1424 (anno 1386).

*de ser casas, na rua nova junto com o tavolado, que partem com casas que foram banho, e com a rua nova, e com rua que vai da dita rua nova para o poço da foteja (1396)*¹; talvez fossem no local onde se construiu a igreja parochial da Conceição Nova, pois que existiam dentro da igreja dois poços; um d'elles, que ficava em um saguão junto à sacristia, na ocasião do terremoto (1755) se esgotou e ficou chão com a terra pela elevação d'esta².

Finalmente, a quarta rua, ou rua de lava-cabeças que vai do poço da Foteja para a rua de mata-porcos, onde estão as lameiras³ (1533)⁴ pertencia á população christã. Na freguesia de S. Julião, na rua onde lavam as cabeças (dos porcos?), e entestam com rua publica que vai do forno derribado para o poço de Foteja (1374)⁵.

Vamos agora, para approximadamente marcar os limites da Judaria Velha, no tempo em que ainda era habitada pelos hebreus, isto é, anteriormente a 1496-98, percorrê-la em volta com o auxilio da nossa estampa. Vemos que tinha vagamente a figura de um parallelogrammo obliquo, com a diagonal maior um pouco desviada da direcção norte-sul.

Começando pelo Largo de S. Nicolau ao sul da igreja⁶, que ficava no sitio e a meio do comprimento da actual igreja de S. Nicolau, encontravamos primeiro nelle, em F, talvez no fundo de um beco, a porta da adega que D. Fernando mandou fechar.

Seguia a linha divisoria em direcção sud-este, ao lado da Rua dos Torneiros e da Rua da Correaria, ficando as casas d'estas ruas contiguas, pelo fundo, com as casas da communa⁷; havia nesta extensão,

¹ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 335, era 1434.

² *Diccionario Geographico*, ms. do Archivo Nacional da Torre do Tombo, por Braz José Rebello Leite, tom. xx, *Parochia da Conceição*, pag. 743.

³ Parece ser synonymo do sitio pantanoso ou lamaçal. — *Vocabulario de Bluteau*: — LAMEIRA; planta que vem nos lameiros, a que o vulgo supersticiosamente attribua grandes e sobrenaturaes virtudes. — *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa*, por uma sociedade de litteratos.

⁴ *Chancellaria de D. João III*, liv. xix, fl. 69.

⁵ *Collecção Especial*, caixa n.º 94, 15 de junho de 1412.

⁶ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 142 v.

⁷ Os documentos comprovativos acham-se citados no nosso trabalho sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capítulo intitulado «Algumas Ruas da Freguezia da Magdalena».

naturalmente uma porta em *J*, e em *A* a Porta da Ferraria dos Judeus. Chegava pois a Judiaria até muito proximo da igreja da Magdalena, tendo talvez algumas casas sobre o sitio do actual largo da dita egreja.

Da Rua da Correaria e Largo da Magdalena seguia a linha de separação para o sul, descendo ao longo da Rua dos Ourives da Prata. Em *B* não devia haver porta, porque, como vimos, a pequena travessa que ligava o adro da Magdalena com o da egreja da Conceição dos Freires só foi rasgada depois de expulsos os judeus. Em *C*, no extremo oriental da Rua da Gibitaria, devia ter havido uma porta, mas não a encontrámos mencionada nos documentos que vimos.

Ao ponto *D*, isto é, quasi ao sitio em que se cruzam as ruas de El-Rei e da Princesa, devia chegar a Judiaria; ha um documento que o dá a entender: *..... casas no começo da rua nova da parte da Ouricezaria; das costas entestam na judaria, e da outra (parte) com rua publica da rua nova (1447)*¹.

D'ahi seguia a linha divisoria para o poente, e depois para o noroeste, passando pela rectaguarda das habitações de christãos do Beco dos Seguros, do Beco de Lava-cabeças, do Pateo da Rosa², da Rua de Mata-porcos, e da Rua dos Carapuceiros³. Em *E* abria-se a Porta da Fotéa, em *L* a Porta da Rua do Picoto, e em *G* a Porta do Chancudo. Esta ultima ficava muito proxima da actual Rua dos Correeiros, no sitio em que ella é cortada pela Rua de S. Nicolau.

D'aqui, a linha de separação entre a communa hebraica e as freguesias christãs seguia em direcção ao norte, fechando no ponto de partida no Largo de S. Nicolau. Em *H* houve naturalmente uma porta e no adro de S. Nicolau, uma outra, em *K*, approximadamente.

Em 1366, numas disposições ordenadas por D. Pedro I sobre o trato e communicação de christãos com judeus e mouros, figura o seguinte: *..... outrossim mando que cerrem logo os ditos judeus a porta*

¹ *Extremadura*, liv. vii, fl. 32 v.

² *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — Beco ou Pateo da Rosa, ou Largo de Lava-cabeças, no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 284 e 285.

³ *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 338 v.

do poço de Fotéa, e a porta do chancudo, e a porta que está junto com as casas que foram de Palhavã¹. Esta ultima porta não sabemos qual fosse.

O mesmo diremos de outras duas, que encontrámos citadas em documentos, mas cujas confrontações são com ruas cuja identidade com as que existiam em 1755 não nos foi possível estabelecer.

Uma é a seguinte: *sotão e sobrado d' porta da judaria, as quaes partem com rua dos bainheiros, e com casas, e com a porta da dita judaria, e da outra com rua publica* (1399)².

A outra é: *casa, sotão e sobrado, na rua das ervas (sic) apar da porta da judaria velha, que parte ao lecante com rua publica, ao poente, e arrego (sul) e aguão (norte) com casas* (1368)³.

No nosso estudo sobre *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo que trata das portas das muralhas que se abriam no Terreiro do Paço, dizemos que a rua que da Rua Nova ia para a Ribeira, por baixo do Arco dos Barretes, deram algum tempo a denominação de Rua da Cerva⁴. Comquanto seja facil admittir uma grande semelhança na pronúncia, e d'ahi corrupção na orthographia, basta lançar os olhos para a nossa estampa, para ver quão inverosimil seria fazer-se a confrontação de uma casa junto ao Arco dos Barretes tomando para referencia qualquer porta da Judiaria, mesmo a do Poço da Fotéa, que era a que lhe ficava mais proxima. A Rua das Hervas, do tempo de D. Fernando, era pois uma das que ficavam proximas da linha de separação entre a communa e a christandade.

*

Descriptos assim os limites topographicos da Judiaria Velha de Lisboa, que já pelos auctores do seculo XVII eram ignorados, parece-nos ter fornecido os elementos sufficientes para desfazer a lenda de que ficava no local onde se construiu a igreja e o recolhimento da Misericordia, de que hoje resta apenas a igreja da Conceição Velha na Rua da Alfandega, e para demonstrar que nunca foi designada por Villa Nova de Gibraltar, como alguns auctores modernos tem imaginado, baseando-se na auctoridade de Alexandre Herculano.

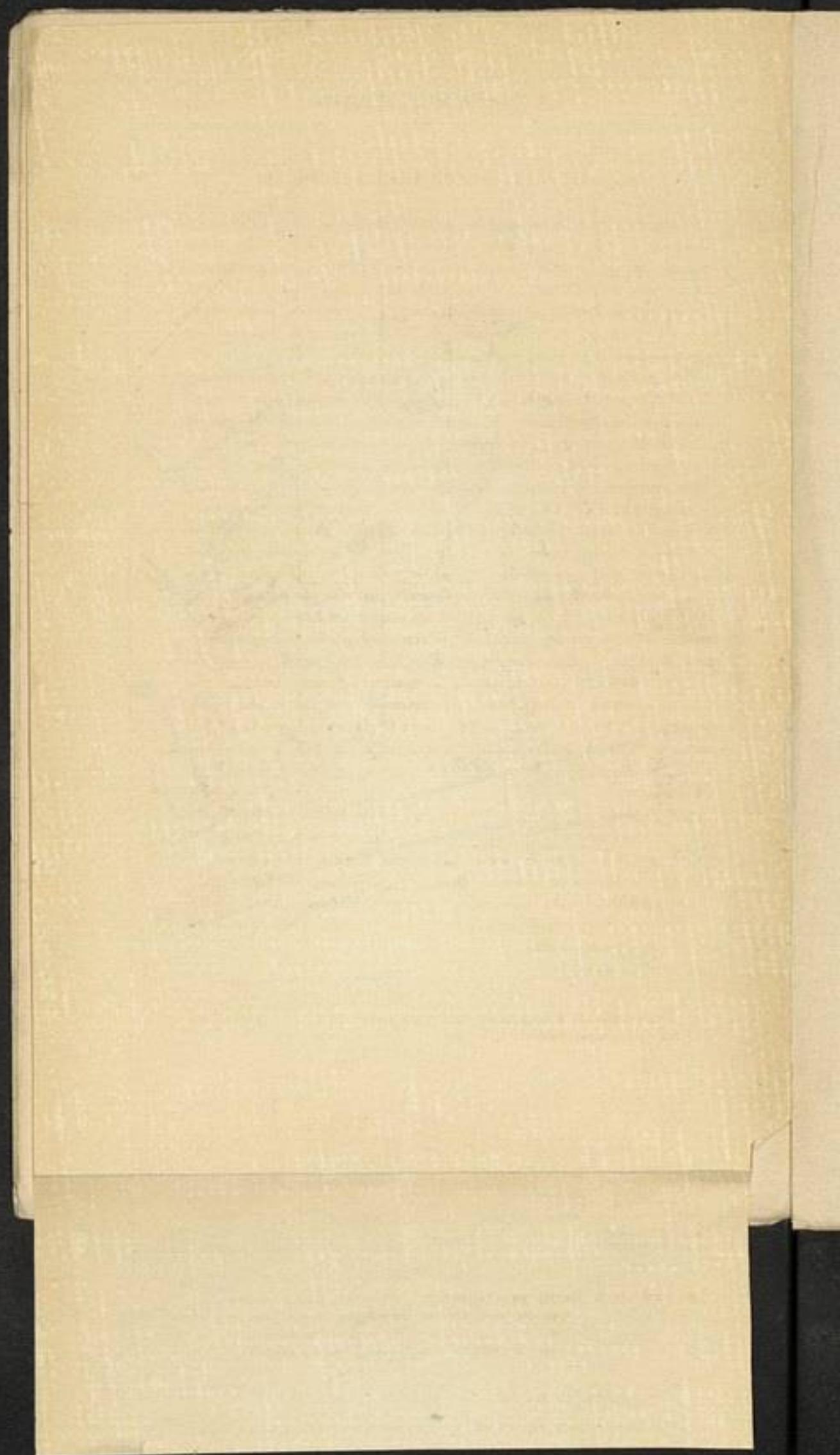
A. VIEIRA DA SILVA.

¹ *Chancollaria de D. Pedro I*, liv. I, fl. 124, era 1404.

² *Extremadura*, liv. XI, fl. 108 v, era 1437.

³ *Chancollaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 43 v, era 1407.

⁴ *Extremadura*, liv. X, fl. 183 v, anno 1436. — Id., liv. VIII, fl. 174, anno 1451.



Ruínas do convento do Alcance (Alemtejo)

A ponte da villa de Mourão, a 1:680 metros d'ella e á direita do lance de estrada que fica entre o Guadiana e a povoação, estão, numa propriedade de Joaquim Caetano Guerreiro, as ruínas de um antigo convento, e áquem d'ellas, na distancia de 490 metros e parte mais alta da tapada da *Balça*, encontra-se um calvario ou cruzeiro, resguardado por um pavilhão, cuja cobertura, de fôrma pyramidal, descansa em quatro postes de schisto, como ella.

As ruínas do convento não tem cousa alguma notavel. O que nelle havia bom ou aproveitavel foi vendido ou empregado noutra parte. O corpo da igreja e as dependencias do antigo convento, que ainda estão de pé, servem de abrigo de gado ou arrecadação de alfaias agricolas.

O cruzeiro está mutilado, e, ainda de pé, o pavilhão e parte d'elle. Este cruzeiro compunha-se de uma columna *cannelada*, com capitel ornamentado de folhas de *conce lombarda*; sobre o *abaco* estava a imagem de Nossa Senhora da Piedade, de mãos postas, assentada e encostada a uma cruz, com o Senhor Jesus morto, deitado de costas no regaço.¹ Segundo pessoas antigas, a Senhora estava voltada para o sul, e o Christo tinha a cabeça para o nascente e os pés para o poente.

No capitel e sob os pés da Senhora estava um letreiro em português, em letra gothica, composto de cinco linhas, de que, apenas, se pôde decifrar: — *Esta cruz foi mandada fazer por Pedro Domingos (?) religioso desta. . . .* O cruzeiro é de marmore branco (material que não se encontra na localidade). As dimensões das partes não representadas no desenho são: *Capitel*, altura 0^m,16; comprimento 0^m,20; largura 0^m,20. A Senhora (parte entre o collo e os pés, a unica existente), altura 0^m,22. A cruz, a que a Senhora se encostava, tinha 0^m,09 de diametro.

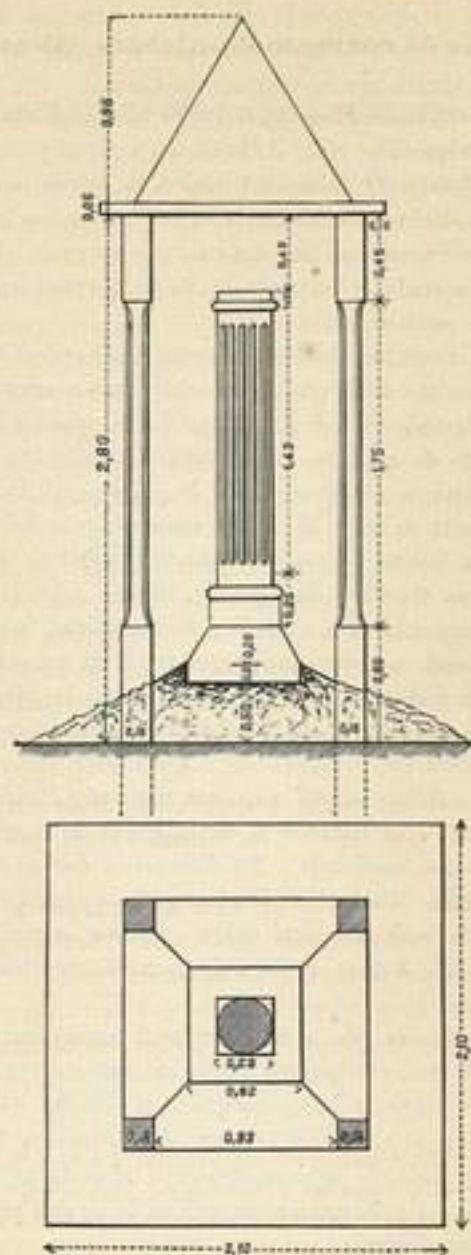
O escabello (?) em que a Senhora está assentada tem 0^m,10 de alto e o envasamento, em que está, fica saliente ao abaco 0^m,045.

O capitel e a parte da imagem, que com elle faz corpo, foram recolhidos no Museu de Cenaculo (annexo á Bibliotheca de Evora).

O pavilhão é todo de schisto, material abundante na localidade.

As letras da inscripção eram guarnecidas de bitume preto, que ainda se vê em algumas d'ellas.

¹ Era semelhante á imagem do Padrão que esteve em Arroyos (Lisboa) e á da Cruz de Portugal (Silves).



Segundo a lenda corrente na localidade, no lugar das ruínas foi mandada construir uma ermida pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, dedicada a *Sancta Maria de Evora Alcançe*, em memoria da

victoria, naquella paragem, obtida sobre os Castelhanos, em perseguição dos quaes elle ia de Evora. Posteriormente a ermida foi transformada em convento da Ordem de S. Camillo de Lellis.

Esta lenda vem referida na *Vida de D. Nuno Alvares Pereira* por Fr. Domingos Teixeira¹.

No *Portugal antigo e moderno*², por Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho Leal, lê-se o seguinte: «A 2:500 metros oeste da villa (Mourão) está a Capella de N. Senhora do Alcançe, muito antiga e ampla. Segundo a tradição constante foi obra do Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1400, em memoria de alcançar neste sitio um grande triumpho contra os Castelhanos, dando á padroeira o titulo de *Sancta Maria de Evora Alcançe*, por ter saído de Evora em perseguição do inimigo e o ter alcançado neste lugar. A batalha via-se pintada na parede do alpendre da Capella, ainda no fim do sec. XVII; porém uns mordomos muito *illustrados* mandaram cobrir a pintura com grossa camada de cal.

«Junto a esta capella, e a requerimento do povo de Mourão, fundaram os primitivos frades agostinhos descalços um mosteiro da sua ordem, em 1670, aonde se conservaram os religiosos até ao dia 23 de julho de 1676, sendo nesse dia obrigados a sair do mosteiro, por ordem do desembargo do paço, por não ser um dos comprehendidos no número de dez, que a Sancta Sé havia marcado pelo Breve da confirmação desta ordem.

«O mosteiro caiu em ruínas, e apenas aqui ficou um ermitão, para cuidar da capella; mas hoje, e ha muitos annos, que nem ermitão aqui ha»³.

Assim, as ruínas do convento e o calvario (embora possa ser menos antigo do que elle) commemoram mais uma victoria dos portuguezes e um dos milagres militares do grande condestavel.

Entretanto, na *Evora Gloriosa*⁴, lê-se o seguinte com referencia a uma acção entre portuguezes e castelhanos nas margens do Digebe,

¹ Impressa em 1723. *Lisboa occidental*, pag. 464, n.º 81 e 82

² No artigo *Mourão*. Esta obra é impressa em Lisboa, 1875.

³ Entre as imagens que existiam no convento e que hoje (segundo o Rev. P.º Antonio José Lopes da Silva, natural de Mourão) se encontram numa igreja que fica a 500 metros de Mourão, e é dedicada a S. Bento, nota-se a do Senhor Jesus da Boa Morte, a qual representa, em tamanho natural, Nosso Senhor crucificado, e é tão perfeita que os entendidos a consideram um primor d'arte.

⁴ Escripção pelo P.º Francisco da Fonseca, e publicada em Roma, no anno 1728. Pag. 90, n.º 148.

proximidades de Evora, em seguida ao regresso da batalha de Touro: «Seguiu-lhe o alcance D. Garcia de Meneses ferindo-os, e matando-os tam generosamente, que a retirada se converteo em fugida tam confusa e precipitada, que abandonada a forma, chegaram totalmente descompostos aos portos do Guadiana. O Alcayde mór de Mourão D. Diogo de Castro, e o fronteyro Rodrigo Casco de Vasconcellos, ambos Eborenses, conheceram desde o Castello que os Castelhanos iam batidos, e desbaratados, e saindo a elles com cento e sincoenta lanças, fiseram um cruel estrago. Está hoje no sitio d'esta victoria uma Ermida de Nossa Senhora, com a invocação de *S. Maria do Odigebe alcance* (outros disem *Evora alcance*) que se erigio para memoria, e acção de graças».

D'estas noticias se conclue que no sitio do Alcance foram obtidas duas victorias sobre os Castelhanos: uma em 1400 e outra em 1476.

Em vista de o Condestavel ter a devoção de fazer construir igrejas para commemorar as suas victorias, parece-me, salvo melhor parecer, mais plausivel que a Ermida de Nossa Senhora do Alcance, em Evora, fosse mandada erigir por D. Nuno Alvares Pereira.

Em todo o caso são dignas de veneração as ruínas do Convento que substituiu a Ermida de 1400, e, como ellas não se poderão hoje conservar, bom seria que o Governo mandasse restaurar e resguardar o Calvario, e que a Camara de Mourão tomasse aos seus cuidados a conservação d'este, embora modesto, monumento da gloria nacional.

C. DA CAMARA MANUEL.

Antiguidades do Sul de Portugal

Mosaico lusitano-romano de Leiria. — Novo deus do pantheon lusitano

Em sessão de 14 de Junho de 1899, por occasião da minha estada em Paris, fiz á Sociedade dos Antiquarios de França, por convite de alguns membros d'ella, as duas seguintes communicacões archeologicas, que foram publicadas no respectivo Boletim, e que reproduzo aqui com pequenas alteraçoes.

I

«La mosaïque romaine polychrome dont j'ai l'honneur de vous présenter une aquarelle provient des environs de Leiria, en Portugal.

La ville de Leiria correspond à l'ancienne Colippo; on a trouvé dans cette ville, à des époques diverses, beaucoup d'autres antiquités

romaines, surtout des inscriptions, qui ont été publiées dans le tome II du *Corpus*.

Cette mosaïque, très grande, occupe à peu près un espace de vingt mètres carrés. Avec elle on a trouvé des chapiteaux très simples, des moulins, des briques, des tuiles, des clous, une fibule en bronze. Tous ces objets sont de l'époque romaine. On m'a dit qu'il y avait aussi des monnaies romaines, mais je n'ai pu les obtenir. Comme il arrive souvent, cette mosaïque a été trouvée par hasard, au cours de travaux ruraux. M. Korrodi, professeur à l'école industrielle de Leiria, m'a immédiatement averti de la trouvaille, et j'ai pu l'acquérir pour le Musée ethnologique portugais, grâce à l'obligeance de M. Luis Gaspar Portella, propriétaire du terrain. Elle est encore inédite. Malheureusement, le monument est un peu détérioré, mais la restitution idéale du sujet est très facile. On y voit Orphée jouant de la lyre, entouré d'oiseaux et de quadrupèdes, par exemple le chien, le cerf, etc. Ce sujet est bien connu des archéologues. On a trouvé des mosaïques semblables en Italie, en France, en Afrique: ici même, au Louvre, il y en a une provenant d'Hadrumète. M. Héron de Villefosse en a dressé la liste dans le *Bulletin des Antiquaires* (1881, p. 320 et suiv.). Cependant, on ne connaissait encore en Lusitanie qu'une mosaïque représentant ce sujet (Voir *Archivo Pittoresco*, I, 125); c'est pourquoi il m'a paru utile d'offrir à votre Société ces quelques renseignements très sommaires.

II

«L'autre sujet sur lequel je désire arrêter votre attention pendant quelques minutes appartient aussi à l'archéologie romaine de mon pays, mais à une région éloignée de celle dont je viens de vous parler.

Il s'agit d'une inscription romaine inédite, trouvée près d'Evora:

SACTR
VNESO
CESIO
SACRV
GLIC . . .
QVINT
c INV . . .
BALS

Evora s'appelait dans l'antiquité *Ebora*. Les Romains lui ont donné le titre de *municipium Liberalitas Iulia*. De son ancienne splendeur

à l'époque romaine, il reste encore dans la ville d'importants vestiges: des inscriptions, des murailles, une porte et surtout un temple presque entièrement conservé dont j'ai l'honneur de faire circuler une vue; malheureusement, on ne sait pas à quelle divinité il était consacré. Le Musée archéologique d'Evora renferme quelques antiquités trouvées dans l'intérieur du temple, mais elles n'ont rien apporté pour la détermination de la divinité. Le temple occupe le point le plus élevé de la ville, près de la cathédrale. Evora est aussi célèbre par ses monnaies autonomes; on y a frappé deux sortes de monnaies à l'époque romaine, représentées toutes deux dans le Cabinet des médailles de la Bibliothèque nationale de Paris. Les environs d'Evora, comme tout le département, sont très riches en antiquités romaines. Il y a une petite bibliographie sur ces antiquités: on doit surtout citer au XVI^e siècle les travaux d'André de Rêsende, le père de l'archéologie portugaise, et actuellement ceux de M. Gabriel Pereira, né à Evora et directeur de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne. On y rencontre même des antiquités d'autres époques. Dans l'*Arch. Port.*, IV, 121 sqq., j'ai publié dernièrement quelques notices d'antiquités préhistoriques de cette région. Cette même province (Alemtejo) a fourni aussi une belle épée de bronze que j'ai achetée pour le Musée ethnologique portugais et qui appartient à la fin de l'époque du bronze. On a trouvé en France des exemplaires qui rappellent ce type: ici même, au Louvre, il y en a quelques-uns; mais en Portugal c'est le seul exemplaire connu de cette longueur. Le même type existe en Espagne (Voir *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* de M. Cartailhac, pag. 233).

Ce n'est pas cependant de l'archéologie préromaine que je veux particulièrement vous entretenir, mais, comme je l'ai dit, d'une inscription romaine.

Je ne peux pas entrer dans beaucoup de détails sur la paléographie, et je résume l'étude que j'en ai faite.

Je lis l'inscription de la manière suivante:

Sancto Runeso Cesio sacrum. Gaius Licinius Quinctinus, Balsensis.

Balsensis veut dire natif de Balsa, qui était une ville romaine de l'Algarve.

De cette ville il reste encore de nombreuses antiquités romaines: des inscriptions, des lampes, des vases, des verres, des bronzes, etc.; beaucoup de ces objets sont réunis dans le Musée ethnologique portugais de Lisbonne.

Cette inscription est importante parce qu'elle nous fait connaître un nouveau dieu du Panthéon lusitanien, Panthéon qui n'en était pas pauvre.

J'ai l'honneur d'offrir sur ce sujet à la Société, pour sa bibliothèque, le premier volume d'un ouvrage auquel je travaille actuellement et un abrégé en français de tout ce travail.

Le nouveau dieu s'appelait *Runesus Cesius*. Il est difficile de dire si *Cesius* est une épithète ou s'il appartient proprement au nom, qui en ce cas serait composé, comme tant d'autres du Panthéon lusitanien, par exemple *Trebaruna*. Le nom *Runesus* me paraît celtique: formé du thème *Run-*, qui se retrouve aussi dans le nom de la déesse que je viens de citer, *Trebaruna*, et dans l'irlandais *run*, qui signifie «mystère»; le suffixe *-esus* se trouve par exemple en *Lobesus*, *Lovesus*, noms qu'on peut lire dans des inscriptions du sud du Portugal (Voir sur ce suffixe l'*Altceltischer Sprachschatz* de Holder). Selon cette explication, le nom du dieu signifierait quelque chose comme *le mystérieux*, dénomination qui convient parfaitement à un dieu et qui était aussi celle de la déesse que j'ai mentionnée plus haut. M. d'Arbois de Jubainville, l'illustre et aimable professeur au Collège de France, que j'ai consulté sur l'étymologie que je viens de proposer, ne la désapprouve pas. L'autre partie du nom, c'est-à-dire *Cesius*, est plus difficile d'expliquer; cependant, je ne serais pas éloigné de croire que dans ce texte, évidemment barbare, on a pu écrire *Cesius* au lieu de *Gaesius*, parce que les lettres *C* et *G* d'un côté et *ae* et *e* de l'autre sont fréquemment substituées l'une à l'autre dans l'épigraphie romaine. Dans cette hypothèse, *Gaesius*, serait un dérivé du mot celtique qui en latin a la forme *gæsum* et en grec la forme γαίον; comme ce mot signifie «dard», l'adjectif *Gaesius* signifierait «armé du dard». *Runesus Cesius* serait donc un «dieu armé du dard».

Quoi qu'il en soit, le fait positif acquis à la science et surtout à l'ethnologie du Portugal, c'est que, à l'époque romaine, les peuples des environs d'Ebora adoraient un dieu appelé *Runesus Cesius*, qui portait probablement un nom celtique, ce qui est d'accord avec ce que nous savons de la domination des Celtes dans cette région du Portugal, soit par les auteurs comme Pline dans son *Histoire naturelle*, soit par l'onomastique. Le nom même d'Ebora a la physionomie d'un nom celtique apparenté au nom irlandais *ibhar*, qui signifie «if»: le nom latin correspondant est *taxus*, d'où provient la forme portugaise actuelle *teixo*, qui est abondamment représentée dans l'onomastique moderne du Portugal, particulièrement dans les dérivés, *Teixeira*, *Teixedo* et d'autres. Que le nom *Ebora* ait été, dans l'antiquité lusitanienne, un nom commun, cela est démontré par le fait qu'il y avait dans la Lusitanie d'autres localités du même nom. Un texte de Pline et une inscription que j'ai découverte, et qui est encore inédite, nous donnent *Eburobrit-*

tium et Eburro-; il y a encore aujourd'hui au nord du Tage, dans la région d'Eburobrittium, un village qui porte le nom d'Ecora.

Ainsi, le petit texte dont j'ai l'honneur de vous parler soulève des questions de deux ordres: la religion indigène à l'époque romaine; l'influence celtique dans le sud de la Lusitanie portugaise; et il fournit sur ces deux sujets des indications qui contribuent à les éclairer.

(Bulletin de la Société des Antiquaires de France, 1899, pag. 269-273).

J. L. DE V.

Epitaphios

Observações sobre os que vem transcriptos em *O Archeologo Português*, II, 144, 262, 149 e 150:

1) O epitaphio do Dr. Gaspar Pinto Correia (pag. 262) é composto de distichos de hexâmetros e pentâmetros; deve pois escrever-se do seguinte modo:

*Hic jacet, hic tacitus loquitur sine voce magister.
 Multa loquendo dedit, plura tacendo docet.
 Multa dedit calamo et lingua documenta per orbem;
 Sed majora brevis dat documenta lapis.
 Qui male vixit erit post mortem mortuus idem;
 Post mortem vicus si bene vixit erit.
 Ars bene vivendi et moriendi est una, viator,
 in aeternum vivere, disce mori.*

Na lacuna da ultima linha deviam estar duas syllabas, sendo a primeira longa e a segunda breve, e devendo esta acabar em consoante. Porventura o autor escreveu «*Vix et [tambem] in aeternum vivere?*», e teria na mente o verso de Vergilio—*Vultis et his mecum pariter considerare regnis?* (*Eneida*, I, 572).

2) No epitaphio que vem a pag. 146, em *Petrus Durandi*, o genetivo *Durandi* deve traduzir-se não por «Durando» (ou «Durão»), como fizeram Jorge Cardoso e Cerqueira Pinto, mas sim pelo patronymico «Durães».

A pag. 148, linha 1.^a, está *tibi*, quando no fac-simile se lê *sibi*. O erro é typographico ou do ms. de Cerqueira Pinto. *sibi* por *ei* (assim como *secum* por *cum eo*) pertence ao latim medieval; encontra-se, por exemplo, no opusculo anonymo publicado por Heydenreich com o titulo:

De *Constantino Magno ejusque matre Helena libellus*, a pagg. 5, l. 25; 14, l. 6; 18, l. 8; 21, l. 32; 22, l. 6. Jorge Cardoso, pensando que *sibi* estava por *tibi*, traduziu inexactamente os dois ultimos versos.

3) O epitaphio de Fr. Estevão Vasques Pimentel (pag. 149 agg.) foi aberto por individuo em extremo negligente, que chegou a pôr o numeral *septuaginta* em duas palavras, interpondo um ponto entre *septua* e *ginta*. É pois ás vezes difficil, senão impossivel, reconhecer o que estava no original que o abridor tinha diante de si.

O epitaphio é em distichos de hexametros e pentametros leoninos.

No verso 3 devia estar *nascy* segundo exige o sentido e a rima, (com *Valascy*).

No verso 8 foram saltadas duas syllabas entre *meliore* e *transiit*, sendo a primeira breve, e a segunda longa e final de palavra.

Duvido absolutamente da exactidão da palavra *terras* no verso 7. Deve encobrir o nominativo de um adjectivo.

Os versos 10 a 14 são obscurissimos. Velho de Barbosa diz que no verso 10, em lugar de *papa sedebat ibi*, devia ser *tulez* (adverbio supprimido no artigo de que estou fallando) *papa accedebat ibi*. Não pôde ser porque ficaria o verso errado, sendo que as seis ultimas syllabas devem ter a fórma ----- e a supposta emenda de Velho de Barbosa (que assim mostra haver desconhecido a natureza do verso) daria ----- . No verso 12 a segunda palavra era no original indubitavelmente *Rivas*. W não é o doble r germanico, senão as letras *ru* (em caracteres maiusculos V V) enlaçadas.

Que o *i* anteposto ao *r* é devido a erro do abridor da inscripção, prova-o a metrica, pois que assim a primeira syllaba do verso, que tem de ser longa, ficaria breve. No verso 14 é obvio que devia estar *numerando*.

No verso 16 *ubi plus placuit* foi traduzido por Velho de Barbosa «onde melhor lhe agradou», erradamente. A traducção verdadeira é «onde, de mais («alem d'isto») lhe aprouve», (sendo o sujeito a oração seguinte de *ut*, para a qual pertence o adverbio *ubi*).

No verso 18 *consociis* está bem; é dativo que pertence para *reliquit* e ha-de ler-se *cum sociis*, que V. de Barbosa traduz fantasticamente «com as suas pertenças». *hiis* é graphia do dativo do plural de *is*, = *iis*; concorda com *consociis*.

No verso 23 *s* é abreviatura de *sic*.

No verso 25 *tercentenit* por *ter centenit* é evidentemente erro do abridor.

EPIPHANIO DIAS.

Museu Municipal de Bragança

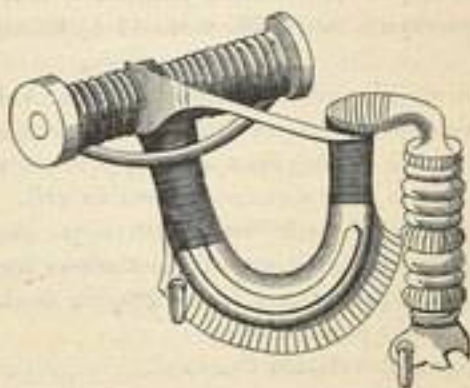
Entre os objectos curiosos que tem entrado neste Museu venho aqui apresentar os desenhos de dois, que, com o que foi encontrado nos Estevaes de Mogadouro e já foi enviado, por cópia, para *O Archeologo Português* (vid. vol. V, pag. 250), constituem tres exemplares muito interessantes e representativos de uma epocha.

1)



O n.º 1 é de cobre não oxidado, está bem conservado e foi achado no Castro de Picote (Miranda do Douro) com algumas moedas romanas e outros objectos de cobre. A respeito d'esta povoação e do seu castro veja-se *O Arch. Port.* V, 143-145.

2)



O numero 2 foi encontrado no Castro de Argozello (Vimioso). É de cobre tambem, e está de tal modo oxidado que parece, assim como o dos

Estevas, estar coberto de uma tinta esverdeada e luzidia. É, como se vê, trabalho mais perfeito e de mais luxo que o de Picote. D'elles parece que ainda pendiam appendices, pois que na parte interna das voltas se conhecem algumas saliencias como que feitas pelo roçar de qualquer argola ou gancho de uma substancia rija como o cobre ou ferro.

Foram «fibulas» usadas pelos povos que viveram nos castros onde foram encontradas.

Bragança, Junho de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

P. S.

São particularmente interessantes para a nossa archeologia as fibulas precedentes, cujo typo constitue um dos caracteres da segunda idade do ferro, denominada de *La Tène*, do nome de uma localidade suíça que se tornou célebre como estação archeologica. A segunda d'estas fibulas encontra-se noutras localidades da Peninsula, e parece ser-lhe peculiar; no Museu Ethnologico tenho alguns exemplares d'este typo, encontrados por mim no nosso oppidum de Bragança (Extremadura); cfr. tambem o que diz E. Cartailhac nos seus *Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 298-299, etc.; dos bellos typos hespanhoes por este archeologo reproduzidos *ibidem*, pag. 298, possui o Museu Ethnologico Português um exemplar que adquiri em Hespanha, com outras preciosidades archeologicas, em 1900. A civilização de *La Tène*, que se propagou em grande parte da Europa, é tambem chamada *gauloise* ou *celtica*. No Museu Ethnologico archivei outro exemplar das fibulas caracteristicas de *La Tène*, que obtive na Suíça, e tem a mesma proveniencia que muitos que estão no Museu de Zúrich.

J. L. DE V.

Noticias varias

1. Moedas antigas

«Na caserna do corpo de bombeiros, na Esperança, quando se procedia ao levantamento de umas lajes, numa dependencia do antigo convento encontraram-se algumas moedas sendo, 6 de ouro, 2 de cruzado, 2 de oito tostões, 2 de dez, e de prata, 1 de 40 réis e outra de tres vintens, em perfeito estado de conservação, e juntamente um coração de madreperola com a seguinte inscripção: V.º C. MEV AMOR, tendo um arabesco por baixo, que parece gravado a agulha ou canivete.

Estes objectos vão ser remettidos pela inspecção dos incendios, onde se acham, ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, que lhe dará o destino conveniente».

(De um jornal, de cujo nome me esqueci de tomar nota).

2. Vandalismo

«Em Silves, uma das quatro vetustas cidades do reino arabe dos Algarves, existe uma velha cathedral, monumento archeologico precioso, digna de toda a veneração.

O tempo, como é natural, imprimiu-lhe o seu cunho de vetustez, o aspecto denegrido, do que é antigo.

A junta de parochia da terra, porém, embirrou com a velhice do monumento e resolveu remoçá-lo.

Mandou pintar de vermelho o templo, tanto exterior como interiormente, e como as juntas das pedras, mordidas pelos seculos, estavam gastas e carcomidas, mandou-lhes fazer uns rebôcos de gesso, salientes e em fôrma de frisos, brancos, para dar mais realce e, porventura, mais encanto ao singularissimo remoçamento.

Ficou muito catita o velhissimo templo. De longe parece um *chalet* de praias.

(Noticia extrahida de um jornal).

3. O pelourinho de Santa Combação

«Ha dias a Camara Municipal mandou mudar o pelourinho — um velho e grosseiro monolito de granito — do largo do Engenheiro Urbano, para o do Tribunal, mas o encarregado da mudança, pela sua impericia, dirigiu por tal fôrma a operação, que a columna partiu em quatro pedaços. E como não ha meio de obrigar o *mestre d'obras* a fazer outra, ali permanecem, e hão de permanecer, por largo tempo os destroços d'aquella obra prima dos nossos maiores».

(D'A Folha do Povo, de 2 de Maio de 1898).

4. Antiguidades de Santarem

«Numas excavações que estão fazendo em Pombalinho, para edificação de uns lagares e adegas, tem apparecido bastas ossadas humanas, algumas moedas antigas e imagens de santos.

Naquelle local, ou proximo, foi em tempo uma igreja sob a invocação de Santo Antonio».

(O Seculo n.º 5:894, de 11 de Julho de 1898).

5. Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra

«Reabriu no dia 1, ao público, o Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

Fundado em 1873, por iniciativa de um grupo de homens dedicados, este museu manteve-se durante annos com proporções modestas.

Depois, a morte de alguns dos principaes influentes, e o cansaço de outros, fizeram que elle caísse em completo estado de abandono.

Salvaram-o alguns entusiastas e amadores, que, eleitos em 1895 para a direcção da secção de archeologia, tomaram a peito reorganizar o museu em proporções mais vastas, colligindo alli todos quantos objectos de valor archeologico ou artistico pudessem obter.

Assim o fizeram, e a 26 de Abril de 1896 realizava-se uma sessão solenne da secção de archeologia, para o effeito de inaugurar o Museu na sua nova installação.

Depois d'isso, a direcção, que é composta dos Srs. Drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Joaquim Mendes dos Remedios, José Antonio de Sousa Nasareth e de Antonio Augusto Gonçalves, não se tem poupado a trabalhos para salvar da destruição os documentos historicos de maior ou menor valor, que ainda nos restam, e para os ir reunindo e colleccionando.

Em breve se reconheceu que as duas salas, denominadas «Ayres de Campos» e «Costa Simões», eram insufficientes para conterem objectos. A direcção da secção de archeologia pede nestas alturas e obtem do reitor da Universidade, o benemerito dr. Costa Simões, a concessão de umas casas occupadas pela Universidade e contiguas ás salas do Museu; do Ministerio das Obras Publicas consegue que se realizem as obras necessarias de adaptação, e assim se arranjam em poucos meses amplas salas, onde novamente se distribuem e installam os objectos, em disposição ao mesmo tempo ordenada e artistica.

Acabamos de sair agora mesmo do Museu do Instituto, e devemos declarar que saímos muitissimo bem impressionados.

Quer attendamos ao valor do que alli se encontra, quer ao bom gosto na disposição e arranjo, não é facil depararem-se-nos museus que nos satisfaçam tão completamente.

Vamos dar uma nota muito rapida do que é o Museu de antiguidades do Instituto.

Compõe-se de quatro grandes salas alem de pequenos annexos.

A primeira sala («Ayres de Campos») tem duas secções. Encontramos em primeiro logar a secção romana, onde se vêem numerosos

monumentos sepulcraes, amphoras, tijolos, fragmentos de estatuas, mosaicos e muitos utensilios de ferro e de barro do tempo dos romanos, todos encontrados em Portugal, e a maior parte d'elles nas ruinas de Conimbriga, perto de Condeixa-a-Velha, e de Aeminium, actual Coimbra.

Ha aqui monumentos de alto valor historico.

A outra secção da primeira sala é medieval, rica de monumentos das artes romanica e gothica.

Chamam aqui a attenção, em especial, uma bella collecção de imagens do seculo XIV, diversas esculpturas em meio relevo, numerosas inscripções gothicas, um bellissimo quadro «mudjar» de estuque, etc.

A segunda sala («Costa Simões») foi destinada exclusivamente a faiança.

Admira-se alli uma collecção de louças, valiosissimas pela abundancia e valor dos exemplares.

Quem quizer estudar a historia da faiança em Portugal não pôde deixar de visitar esta sala, e de se demorar nella em minucioso exame. Os progressos da faiança coimbrã no seculo passado, antes da decantada influencia do Dr. Vandelli, são uma verdadeira revelação, devida ás peças documentaes aqui reunidas, a algumas das quaes não falta nem a assignatura do fabricante, nem a data do fabrico.

Na terceira sala, encontram-se objectos de mobiliario, pinturas, esculpturas de madeira, uma vasta collecção de manuscriptos em pergaminho, plantas e alçados de varios edificios e secções da cidade de Coimbra, desenhados no seculo passado, tapeçarias, vidros, bronzes, etc., etc.

Na quarta sala, acha-se reunido tudo quanto ha no Museu em estylo da Renascença, encontrando-se alli bellos exemplares de esculptura de pedra, e nove magnificas estatuas de barro, que representam Jesus Christo e os apóstolos, de tamanho maior do que o natural, trabalho dos principios do seculo XVI.

Finalmente, numa pequena sala contigua a esta, encontram-se objectos que não tem cabimento em nenhuma das outras.

Os trabalhos de installação foram dirigidos pelos Srs. Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dois artistas distinctissimos e illustradissimos, aos quaes as artes devem mui relevantes serviços.

Ambos são colleccionadores muito notaveis, e as suas collecções avultam no Museu do Instituto, que acabamos de descrever, e onde quem quizer pôde depositar qualquer objecto, desde que lá tenha cabimento.

A grande collecção de faianças que enche a segunda sala pertence quasi exclusivamente áquelles dois cavalheiros.

O Museu acha-se aberto em todos os domingos e dias santificados, desde as 11 horas da manhã até ás 3 da tarde».

(*D'O Seculo*, de 16 de Janeiro de 1899).

6. Reliquia apagada

«Na freguesia de Molellos, concelho de Tondella, existe um baldio que mede quatro kilometros em circumferencia, denominado o Tojal-Mau, em cujo centro se eleva uma eminencia de quatro metros, approximadamente, de cota, e setenta de circumferencia. Haverá quarenta annos que existia, em poder de uma mulher da freguesia, um roteiro a que ella não ligava importancia alguma, e que passou ás mãos de um homem que mais ou menos orientado sobre a qualidade de thesouros escondidos num subterraneo do referido local, lhe conferiu o devido valor pela luz que viria fazer sobre o caso.

De facto, o tal roteiro dizia que no Tojal-Mau existia um thesouro enterrado, e indicava o ponto em que se encontrava. Este individuo usou de discreção, communicando o facto apenas a alguns amigos intimos, e tratou de explorar o ponto que o roteiro recommendava.

Começaram as excavações, e, á profundidade de vinte palmos, encontraram pedra, removeram-na, e certificaram-se de que ella era como que a parte de entrada para uma galeria, cujo tecto era abobadado, onde entraram, e, avançando por ella dentro, encontraram-se no interior de um quarto tambem de abobada, e construido com pedras enormes, cuja superficie devia ser de 5 a 6 metros quadrados por 4 ou 5 de altura. D'este quarto saiam dois corredores, um para leste e outro para nordeste, com dimensões taes que por elles podia transitar um cavalleiro.

Estes corredores eram tambem construidos com pedras enormes e em abobada. Dizia o referido roteiro que um d'elles ia ter ao rio do Portu-dinho, e o outro ao riacho das Fráguas, uma distancia de 4 a 5 kilometros. Não se sabe se os individuos, que exploraram o subterraneo, encontraram o annuciado thesouro, ou se este consistia em objectos de que se apossaram, diversos utensilios, entre os quaes alguns de marmore. Posteriormente, algumas pessoas voltaram a explorar, com a mira no decantado thesouro que o roteiro annunciava, mas debalde.

Durante bastante tempo esteve aberta, á vista dos curiosos, esta reliquia; ninguem pôde, porém, ir ao fim dos corredores, pela falta de luz e ar que se fazia sentir gradualmente. Passados annos, um in-

dividuo, com prévia auctorização competente, procedeu á sua demolição, utilizando essa preciosa pedra na construção de um prédio.

Hoje, apenas existe a eminencia, em cujo centro se abre um fosso, e algumas pedras notáveis pelo seu tamanho; os corredores estão impenetráveis pela agglomeração do entulho produzido pela demolição.

É para lamentar que a auctoridade competente d'aquelle tempo consentisse na demolição d'aquella memoria tão digna de admiração. O que influiria para este fim? O magro dinheiro que pela sua apropriação reclamariam? Talvez.

(*O Seculo*, de 19 de Janeiro de 1899).

7. Achado archeologico

«Numa bouça¹ pertencente ao Sr. Dr. Rebello Barbosa, de Santo Thyrsó, procedendo-se a excavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma materia cheio de moedas antigas, litteralmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de fórma que impossivel se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela bocca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, adherentes umas ás outras, apresentavam o feitio da vasilha destruida. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram romanas, de cobre.

As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cêrca de 5:000.

Procedendo-se á limpeza de algumas moedas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Gallieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação».

(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900).

*

Tendo o redactor d'*O Archeologo* escrito ao Sr. Dr. Rebello Barbosa a pedir-lhe informações do achado, recebeu d'elle as seguintes, que, por serem interessantes, aqui se publicam para explanação da noticia precedente:

«Paços de Ferreira, 30 de Agosto de 1900. — Espero reconstituir uma das vasilhas. A outra, que servia de envolturo á que continha as

¹ Chamada Lage, freguesia de Villarinho, concelho de Santo Thyrsó.

moedas, não pôde já ser reconstituída, porque os seus fragmentos acham-se actualmente na posse de muitas pessoas. Junto do local do achado não ha vestígios de construcções, nem sepulturas. Segundo os melhores calculos, as moedas foram enterradas ha mais de 1:600 annos, visto não haver moedas de Constantino Magno nem de outros imperadores posteriores a este. Quando as moedas foram escondidas, a freguesia de Villarinho era completamente deshabitada. Verifica-se á face de documentos e prazos antigos que a freguesia de Villarinho começou a ser habitada depois de 1300».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

322. Monte-Mor-o-Velho (Beira)

Ruínas

«O seu primeiro nome foi Acedobriga que teve duracão de 1780 annos porque sendo seu Governador o Romano Manlio, 120 annos do salutifero nascimento lhe deu o nome de Cidade Manlianense, com que he conhecida dos Latinos¹. Confirmasse o nome de Cidade por algumas antigas escrituras, pella constante tradiçã, largos e espaçozos vestígios de edificios e sepulturas que mostram haver sido populoza, pois se estendia até o sitio de Ravel, que de presente he olivedo, e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem, a que teve o nome de Cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pello duvidozo». (Tomo XXIV, fl. 1465).

323. Monte-Negro (Tras-os-Montes)

Mina de estanho

«Nesta dita serra junto a S. Julião em hũ sitio que dizem *Valdoar* me dizem pessoas velhas que ouvirão dizer se tirava antiguamente estanho de hũa mina; e lá se vem ainda hoje alguns vestígios». (Tomo XXIV, fl. 1504).

324. Monte da Pedra (Alentejo)

Fevoação antiga. — Penedo Gordo e Lago de Santo Estêvão

«Antigamente era esta Igreja a do logar do Sourinho e orago era Nossa Senhora com o titolo de Santa Maria, porem dezertarão os mo-

¹ *Nota marginal:* Manuscriptos dos Antiquarios Manuel de Barros de Escovar e Capitão Mór Antonio Correa da Fouceca.

radores aquelle lugar que dista desta terra para o Poente meya legoa ahonde ahinda hoje existem os fundamentos dos edificios que estão em terra da Sagrada Religião de Malta.

A razão, o motivo que se diz, tiverão os moradores para dezemparearem aquelle lugar e Povoação do Sourinho forão humas Fantasmas¹ que tãobem se diz ali apparecião e intimidados dellas os moradores forão obrigados a dezeparar aquelle lugar e constetuir a Freguezia em este Monte da Pedra, em huma Ermida de Santiago que aqui estava e por isso ahinda hoje os moradores conservão a Imagem de Santiago em o Altar Mor ao lado direito.

Neste lugar de Sourinho se diz moravão e assistião muitos Cavalleiros que se chamavão os Cavalleiros da Espora dourada, os quais por tradição se diz que se extinguirão e morrerão na seguida que fizerão a ElRey Dom Sebastian para a guerra, porem como com os incendios se consumirão os livros e papeis antigos, não ha hoje outra certeza mais que tão somente a tradição e a pouca curiosidade fas muitas vezes ficar as coisas em esquecimento.

Chama-se a esta terra o Monte da Pedra pela notabelidade de duas pedras que estão no seu limite; huma chama-se o Penedo Gordo que está junto a esta terra na distancia de cento e cincoenta passos pouco mais ou menos, ahonde os moradores deste Povo ajuntão no verão todo o pão em palha e asi o fabricam e malhão com muito comodo porque podem no mesmo tempo andar seis lavradores tratando separadamente cada hum do seu pam.

A outra pedra chama-se a Lagem de Santo Estevão a qual fica distante deste Povo a seixta parte de huma Lagoa para a parte do Sul, esta está em huma Planice com alguns cabeços pequenos de redor inclinada para o sul, porem he tão plana que por qualquer parte se pode entrar e sair della, tem de comprimento cento e septenta passos pouco mais ou menos; e de largura tem noventa passos pouco mais ou menos.

Para os seus naturais exaggerarem a grandeza e singularidade desta Pedra ou Lagem, dizem que se podem em hum mesmo tempo fazer em ella quatorze Malhas. Chama-se-lhe a Lagem de Santo Estevão porque está perto de hum cazarão que era antiguamente Ermida de Santo Estevão que se acha hoje colocada na Igreja desta Freguezia e he de quem se fas menção no Interrogatorio treize, ut infra. (Tomo XXIV, fl. 1510).

¹ Cf. n.º 169 d'esta Collecção.

325. Monteiro (Beira)

Outeiro da Bandeira

«..... hum outeiro que chamão da Bandeira situado perto deste lugar a parte do nascente e o mais alto deste sitio: dizem as pessoas antigas que este nome lhe ficara por no tempo das guerras no levantamento se dar signal com hũa Bandeira por ser sitio alto. Bem pode ser esta a razão do nome, se ja o não tivesse nesse tempo nascido de alguma acção supsticioza». (Tomo XXIV, fl. 1689).

326. Moura (Alentejo)

Estetua romana; — Inscricção romana e outros portuguezes. — Lenda

Freguezia de Santo Agostinho. — «Marco Antéro Paulino, que por famigerado se lhe levantou estátua, cuja inscripção se achou em huma pedra de altura de hum homem, a qual estava enterrada em hũa quorela de terra dos religiosos do Carmo desta villa, junto ao porto de Ardilla, que vay para Mourão aonde se achão vestigios de grandes edificios». (Tomo XXV, fl. 1731).

Freguezia de S. João Baptista. — «No castello da villa se descobre hum padram em huma quina do Convento das Relligiozas de Nossa Senhora da Assumpção com esta inscripção:

JULIAE AGRIPINAE NERONIS CAESARIS MATRI
NOVA CIUITAS ARUCITANA¹.

desta inscripção se vê, que sobre o mesmo padram levantaram os moradores statua a may de Nero para eternizarem agradecidos nos seculos futuros a memoria de algum grande beneficio que lhe deu. Quando os mouros conquistaram os Hespanhoes ficou Senhor de muytos povos de Alentejo com titulo de alcaide hum Mouro potentado chamado Boaçem, o qual deu a senhoria desta grande poucaçam a sua filha Saluquia com o titulo de Alcaidesa. Como a senhoria hera moura e a cidade com o tempo perdeo o splendor primeyro, trocou o titulo e o nome: pelas ruinas do tempo, ficou somente com o titulo da villa; por ser moura a senhoria, ficou com o nome de Moura. Dizem outros que lhe ficou o nome de Moura, porque Dom Alvaro e D. Pedro Rodrigues

¹ Completa em parte no n.º 963 do *Corp. Ins. Lat.*

canalheyros que servirão de tronco a familia illustre dos Mouras foram os que a resgataram do poder dos mouros». (Tomo xxv, fl. 1741).

«O tecto he de madeyra e dos trez corpos que forma a Igreja (*do Convento dos Carmelitas Calçados*), o do meyo he todo estradado, a dos lados e o mayr corpo da Igreja estam lagiados com 120 campas magnificas de marmore com as armas de seos donos e varias inscripções, entre as quaes se lê em huma este Epitaphio celebre:

AQUI JAZ JOÃO DE ABRIL
QUE MORREU
POR SE RIR».

(Tomo xxv, fl. 1742).

«O sino he o grande que se conserva hoje na torre do Convento; por meyo do qual obra a Senhora (*da Luz*) continuamente muytos prodigios afugentando as tempestades, e fazendo bem succedidas nos seos partos todas aquellas mulheres, que tem aperto semelhante a invocam com devoção». (Tomo xxv, fl. 1750).

«A hum lado desta Capella (*do Conde de Val dos Reis*) ultima está erigido hum Mausoleo soberbo de marmore embutido na parede com esta inscripção formal:

AQUI JAZEM OS CAVALHEYROS QUE RESGATARAM
E GANÇARAM AOS MOUROS ESTA TERRA EM TEMPO DE
DOM ROLIM».

(Tomo xxv, fl. 1751).

327. Mourão (Tras-os-Montes)

Cabeça murada. — Annexim local

«Sertefico em como tudo o Referido asima he verdade e nam achey couza mais couza de sustancia nem notavel de que se faça memoria mais do que estar esta pouoacam defronte de hum cabesso que se chama Cabeça Morada sito no districto de Val do Forno e distante huma Legoa desta pouoacam. Ha outro districto ou sitio a que chamam Lubazim e por intunmazia se dis dezião os Mouros coando foram espulçados destas Terras: Cabessa Murada e Val Lubazim munto ouro e prata fica em ti. Donde infiro que por se chamar Mouram esta pouoacam e ficar em meio dos dous sitios já referidos seria abitaçam em algum tempo de Mouros e como de Mouram para Mourama só lhe

falta á, seria falta dos Escritores ou quererlhe calar os Moradores¹». (Tomo XXV, fl. 1788).

328. S. Martinho-de-Mouros (Beira)

Origem do nome

«He esta terra chamada o Concelho de Sam Martinho de Mouro, denominação que me persuado lhe pronem así de ser antigamente habitada de Mouros, ou de Barbaridade dos costumes de seus habitantes; porque de ordinario sam soberbos, e altivos ainda que pobres na mayor parte, qualidades que supponho participão de Jupiter por ficar maes chegado a este tenitroante (*sic*) prezidente dos ares». (Tomo XXV, fl. 1825).

329. Molta (Extremadura)

Inscrição portuguesa

«Outra Capella fora da villa proxima a ella com o titulo de S. Sebastião, que foi freguezia e sagrada he antigua, pello que consta da primeira pessoa velha sepultada por hum letreiro de letra gotica que se acha lavrado em huma pedra dentro da Igreja da parte do norte no meyo da parede; que dis o seguinte:

AQUI JAS CATHERINA MARTINS MOREIRA
FILHA DE MATHIAS VASQUES MOREIRA ESCU-
DEIRO CRIADO DE ELREY D. DUARTE SEU
VASSALO, E FINOU NA GUERRA PESTINHOZA,
NESTA ERMIDA EM IDADE DE VINTE ANNOS
MOÇA ESCOSSA (*sic*) A DOZE DE IULHO, ERA
DO SENHOR DE 1453. A PRIMEIRA AQUI SEPULTADA.
DEOS HAJA SUA ALMA A BEM.

(Tomo XIV, fl. 1566).

330. Mozellos (Beira)

Outeiro da Mourado

«Junto a esta Igreja ha hum outeiro a que chamam do Morado que fica munto alto em hum monte o qual serve de apacentar os gados

¹ As vinte povoações existentes em Portugal, desde Trás-os-Montes até o Alentejo, com o nome de Mourão, tem todas a mesma etymologia, que é *Mas-rani* ou *Mauran*, nome de homem.

cuya planicia no alto-delle terá de comprido dozentos braços e de largura mais de cem tudo plano na suma altura mostra este nos antigos tempos ser cercado com ballo, cuyo monte ou outeiro dizem os antigos que foi Praça dos Moures, de cujo se descobre grande parte do Mar, a villa de Aueyro e todo o Rio que fica junto¹. (Tomo xxv, fl. 1883).

331. Mozellos (Entre-Douro-e-Minho)

Rodras de um pago

«Ha memoria de huma Caza chamada do Passo², de que ha poucos annos havia vestigios de pedras, portaes, genellas, e outras que mostravam grandesa da ditta couza, mas hoje nada disto ha no tal sitio, este hera na chamada quinta do Passo, que ainda assim se chama, a mayor parte della esta inculta, cheya de Carvalhos que dam Lenha e a menor parte se lavra e cultiva; esta Casa he tradiçam que fora de huus Brandões e Barbozas, gente nobre». (Tomo xxv, fl. 1888).

332. Marnja (Beira)

Tomolo. — Grandes lagos

«Os privilegios e antiguidades desta freguezia he somente achar se na Parochia della hum Tomolo de pedra lavrada, mitido em hum largo Nicho da parede da mesma que he de hum acendente da caza de Mello. (Tomo xxv, fl. 1978).

«Nam ha couza mais notavel no dito Lugar de que estarem a mayor parte das cazas delle circuitando humas grandes Lagias, que ficam no meyo e lhe servem de heyrras para malhar, estender e recolher os frutos e palhas, com tanta largueza, que podem muito bem andar seis ou sete malhas todas juntas, e ficando no meyo da mesma Lagia a capella do glorioso Martir S. Sebastiam. (Tomo xxv, fl. 1979).

333. Nandufe (Beira)

Arcos de pedra. — Crasto

«Finalmente advirtase que a Igreyja deste Povo Nandufe tem nas costas ao lado, que lhe fica ao Norte trez Arcos de pedra miuda rentes

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, III, 139.

² Os grandes proprietarios do norte, no periodo da reconquista christã, assistiam em Paços (*palatios*), Paços (*palatiales*) e Sás (*salas*).

da terra, e já tapados ha muntos annos com o mesmo material, e nam ha quem dê intelligencia a elles. Somenté dizerem muntos que já ouviram dizer aos mais Antigos, que devia ser mysquita de Mouros, e para mais veneraçam de Sam Joam Baptista intravam e sabiam por aquellas portas por lhe nam virarem as costas. E ha hum sitio perto desta Igreyja chamado o Crasto, que bem mostrava antigamente ser Cidade, ou Povoaçam de Mouros, porque nelle haviam alicerses de Cazas e della trouxeram pera fabricar cazas muntos do Povo pedras bem quadradas, e com varios feytios, cujo sitio está de monte, pinhais e oliveyras e outras mais Arvores». (Tomo xxv, fl. 41).

334. Nisa¹ (Alentejo)

Inscripções Portuguesa e romana. — Alta. — Achados de mosaicos. — Laga artificial. — Pelotinha. — Girata.

Freguesia de Nossa Senhora da Graça. — «Floreço em virtudes Frey Adam Dinis, natural desta villa. . . . foy sepultado no Adro da Matris como se vê do Epitafio da Campa de sua sepultura:

AQUI JAS FREY ADÃO DINIS

delle fas menção o Padre Frey Agostinho de Santa Maria no tomo 3.^o do Santuario Marianno, Livro 4.^o paginas 392». (Tomo xxv, fl. 150).

Freguesia do Espirito Santo. — «No convento de S. Francisco da Cidade de Portalegre se acha em hum Livro, que trata das antiguidades das terras deste Bispado e diz assim: «A terçeyra povoação em antiguidade (dado que já destruida) foy Nisa estão seus edificios junto da villa de Niza, que parece ser depois edificada em memoria da antiga. . . . etc.» (Tomo xxv, fl. 168)..

«Ahinda hoje em as dittas ruinas se acha trigo queimado, como carvão; porem, com figura que bem dá a conhecer o que era. Poucos annos há andando lavrando hum Laurador achou em huma pilheira subterranea huma Vazilha de azeyte e feyto exame, de que tinha dentro, se achou ser azeyte ahinda com sua propria forma; porem, sem gosto

¹ Num documento de 8 de Novembro de 1352, que inclue um outro de 8 de Maio de 1329, faz-se menção da quinta e ribeira da *Anisa*. Archivo Nacional, *Collecção Especial*, caixa 113.

algun, do que era. Neste mesmo citio estão ahinda hoje vestigios de muytos edificios: como são: O castello, que a ditta villa tinha, cujo está em hum outeyro muy alto, principalmente para as partes do Nascente, e Norte, de cujas era invencivel. No mesmo citio se tem achado muitos dinheyros do tempo dos Romanos; e alguns se conservão ahinda hoje nesta Villa». (Tomo xxv, fl. 168).

«Ao poente desta Villa em huma tapada se achou há annos hum tumulo com seu amparo de parede em roda sobre o qual estava huma pedra de cantaria fina, e nella o Epitaphio com as letras que abaixo vão; hoje, porem, se acha a ditta Campa posta por escargam de huma janella em huma caza que o senhorio da ditta tapada mandou fazer junto do ditto tumulo, que fica distante dos muros desta villa para o Poente hum bom tiro de balla, e para porem a ditta pedra no lugar referido lhe abrirão hum buraco, com cuja abertura cortarão as letras que se prezume dirião o Imperador, que então reynava¹.

Há tambem, junto da Ermida de São Gens, que em seu lugar vay huma legoa distante desta Villa ao Sudoeste a trinta passos ao poente da ditta Ermida, huma Anta de tal grandeza, que he admiração o ver, como se pôde por a lagem em cima das grandes pedras de que está formada, pois sendo da largura de huma caza ordinaria, tudo cobre a ditta Lagem e tem de grossura quatro palmos.

Ha no termo desta Villa, em distancia de huma grande Legoa ao sudueste no mesmo citio da Anta assima, huma lagoa a que chamão Posso da Lança. A Etimologia do seu nome ignorão os naturais. Esta tal lagoa ou posso foy algum dia mina de pedras preciozas de varias côres; porem hoje está occupada das agoas e tão copiozas, que há annos veyo hum sujeito de Lisboa por ordem do Senhor Rey D. João Quinto de feliz memoria a trabalhar nelle para descubrir a ditta mina, e com todas as bombas que trouce o não pôde esgottar, e só chegou a descobrir nelle forma de Cazas subterraneas ao lado do posso. Vendo o ditto sujeito a impossibilidade que havia para o esgottar, abriu outro junto delle vinte passos, e nelle encontrou hum grande pé de Sovereyro com cortiça de grossura de hum palmo, e aprofundando-o athe altura de settenta palmos, delle tirou muyta pedra de varias cores, como Amarellas que erão as mais finas, Vermelhas e brancas com rayos azuis, e tambem roxas e todas o ditto sugeyto mandou para Lisboa. Nesta terra tambem ficarão algumas que hoje se couservão postas em aneis. Huma branca e azulada que o dito sugeito mandou pôr no peito da

¹ N.º 171 do *Corp. Insc. Lat.*

Imagem do Senhor São Gens, que fica perto do ditto posso, e tinha a grandeza de hum amendoa de casca, furtarão-na ao ditto Santo; e só existem no seu resplendor algumas mais piquenas vermelhas e verdes. Foy cavando o ditto sagueito profundamente athe que sahio agoa em tanta quantidade, que lhe impedio o intento. Huma memoria se acha deste posso nesta Villa e he que no anno de 1561 pella falta de agoa que houve davão a beber em vazilhas aos gados da agoa do ditto posso, e pella muyta agoa que tirarão apparecerão duas escadas Lavradas na pissarra que descião para baixo, e hoje se vem ahinda quatro degraos de pedra de cantaria que descem para baixo. Tem hum bojo muyto largo e em certo tempo se conta hindo hum carreteiro com os seus boys prezos á carreta, por junto do ditto posso, principiarão a fugir de tal sorte que se desponharão para dentro d'elle, e quando chegou o dono já não vio, senão a bulha da agoa. Está o ditto em o cume de hum outeyro, sem passos, pouco mais, ou menos do Rio Ser, que lhe passa ao meyo dia; e segundo o parecer de muytos, se podia com empenho esgottar com hum cortadura.

No anno de 1718 que foy, quando inttentarão esgotar o ditto posso, tinha de fundo trinta braças, hoje, porem, tem só doze. Ahinda agora na circumferencia do ditto posso se achão muytas pedras transparentes mais ou menos humas que outras, de que se tem approueitado muytas pessoas, que os tem levado para Elvas, e Portalegre e outras terras para imbatidos de fontes, etc. Há tambem nas vizinhanças do mesmo posso hum fonte a occidente d'elle meyo quarto de legoa a que chamão Fonte Fadagoza, unicamente com aquelle ornatto de que a doton a natureza etc., etc. (Tomo xxv, fl. 171 e segg).

«O Plourinhó parece que era ahinda o de Niza a Velha por estar esculpida nelle a cruz da Ordem do Templo. No simo das portas principais desta villa estão dous letreyros em pedra marmore, dos quais consta em como o Senhor Rey D. João Quarto tomara por Padroeyra do Reyno a Nossa Senhora da Conceyção». (Tomo xxv, fl. 175).

«Na mesma serra (*de S. Miguel*) indo desta Villa para o porto de Villa Velha de Rodão, á mão esquerda e a terça parte de hum legoa, antes de chegar ao Tejo, para a parte do Poente está hum grande, profunda e dillatada grutta, que eu já prezenceey, com a boca para o sul: chamão os naturais a esta grutta Boca da Fayopa, e dizem, que varios sagueitos vindos por ali com livros de mineraes e thezouros tem perguntado por esta mesma grutta com o nome de Fayopa. Muytos homens temerarios que ahinda hoje existem vivos nesta villa tem tomado a empreza de hirem examinar a distancia da referida grutta levados da ambição de que ali se conserva notavel thezouro; e tendo andado

por beneficio de lanternas mais de meya distancia, que pella parte fascoal lhe corresponde todos confissão que vay muyto para diante e não passarem dali, he por cauza de hum lagoa que no ditto citty occupa a grutta, e os impede e não ha duvida que paresse ser assim, porque na falda da propria Serra para a mesma parte do poente correspondente a meya distancia da ditto grutta, sahe quazi meya telha de agoa, sinal evidente de ser a mesma que pellos mattos da terra corre, sendo a sua arca aquella a que os temerarios chamão lagoa dentro da grutta. Ha tambem no fundo da mesma serra junto do lugar em que sahe a referida agoa mas já em campo raso, hum citio a que os naturais chamão *Conhal* dito assim, por haver nelle, quazi immensos montes de seyxos ou pedras a que elles chamão conhos e está quazi junto ao Tejo. He tradição constante ser este citio mineral de ouro no tempo que os Carthaginezes e Românos rezidião neste Paiz e se faz digna de credito esta tradição por se devizar aliinda hoje em distancia mais de hum legoa, hum custoza levada que principia na ribeyra de Niza e dali vay em direytura ao sobredito *Conhal*, pella qual dizem se levava agoa pera as dittas minas: hoje porem não pode hir a agoa pella dita levada, por estar já muyto entulhada». (Tomo xxv, fl. 176 segs).

335. Nogueira (Beira)

Thesouros e vestigios dos mouros

Freguezia de S. Christovão. — «Não consta que na Serra desta freguezia se abrisem nunca minas só consta que junto a dita Serra há hum sitio que chamão Sam Payo e dizem que em algum tempo nelle habitarão Mouros e no mesmo sitio se vê algũs vestigios de quererem habitar nelle; a algumas pessoas se tem introduzido e o querem ter por certo que no mesmo sitio ha thezouros mas que huma Moura encantada o guarda, eu tenho isto por fabula e alonde fundão alguns ignorantes o seu pensamento he que no mesmo sitio algumas pessoas acharão alguns trastes como foy dizem hum argola de ouro, mas já não ha memoria de quem os achasse». (Tomo xxv, fl. 193).

«Não consta que neste nosso Reyno tenha o dito Rio Douro ponte alguma; nesta dita freguezia nos regatos que já disse há duas pontes de pedra e hum de pau; e huma dellas que existe no sitio de Sam Payo, dizem que fora fabricada pellos Mouros quando no ditto sitio fizerão alguma habitação mas esta se acha sem goardas e aruinada em algumas partes della». (Tomo xxv, fl. 197).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

INDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Português:

Dadiva feita ao Museu pelo Dr. Alves Pereira: 33.

ANTIGUIDADES LOCAES:

I. — Por ordem chronologica.

A) Prehistoricas:

Loiça neolithica da Junqueira (Figueira da Foz): 123.

Goiva de pedra da Figueira: 205 (com figura).

Machado de metal: 280 (com figura).

B) Lusitano-romanas:

Límia e Brutobriga: 2.

Estudos sobre Troia de Setúbal: 7 (com estampa).

Alcobaça archeologica: 79 (com figura).

Necropole luso-romana dos arredores de Lagos: 102 (com figura).

Objectos romanos achados em Coruche: 104 (com figura).

Arcos e muralha romana de Evora: 110 (com figura).

«Cidade» da Concordia (Baralha): 119.

Antiguidades varias do concelho da Figueira: 122.

Gimonde: 136 (ruínas e marco milliaris).

Vestigios romanos em Vianna do Castello: 175.

Quinta da Ribeira (Tralhariz): 193 (com figura).

Carranca de bronze: 281 (com figura).

Antiguidades de Lisboa: 283.

Mosaico de Leiria: 330.

Dens Runes: 331.

C) Portuguesas:

- Sêllo do Padre-Mestre Origénio: 24 (com figura).
 O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: 65, 97, 129, 161 (com illustração).
 O morgado de André de Resende: 87 (com figura).
 Esculptura de pedra de Ferreira d'Aves: 116.
 Castellos de Fraião e de Pena da Rainha: 134.
 Castello de Noudar: 146.
 Paço ducal de Barcellos: 151 (com figura).
 Topographia historica de Lisboa: 212, 258, 305.
 Amuletos: 287 (com figuras).
 Convento do Alcançe: 327 (com figura).

D) De diversas epochas e de epochas indeterminadas:

- Banhos antigos de Leiria: 117.
 Da Lusitania á Betica: 225.
 Archeologia trasmontana: 290.
 Antigualhas de Molellos: 341.
 Vid. neste indice: *Castros, Grutas, Dolmens, Fíbulas, Epigraphia e Numismática.*

II. — Por ordem geographica

A) Alentejo:

- Alcançe: 327 (com figura).
 Ayres (N. S.ª de): 117 (inscripção romana).
 Beja: 225 (museu).
 Casa Branca (herdade): 116 (inscripção romana).
 Crimeia (herdade): 170 (inscripção romana).
 Elvas: 31 (ponte de Olivenças).
 Evora: 110 (arco e muralha romana), 171-172, 331 (inscripção).
 Juromenha: 29 (vestigios).
 Machado: 159 (vária).
 Manisola (Evora): 87 (André de Resende).
 Marmellar: 189 (ruínas de um palacio).
 S. Mathias: 254 (castello de Giraldo).
 Matos: 255 (ruína).
 Mertola: 239 (vária), 256 (ruína).
 Mombeja: 299 (outeiro do circo).
 Monasraz: 303 (inscripção latina portuguesa).
 Montemor-o-Novo: 304 (inscripção romana).
 Monte da Pedra: 343 (vária).
 Moura: 345 (vária).
 Nisa: 349 (vária).
 Noudar: 146 (castello).
 São-Jordão: 27 (cova).
 Serpa: 231 (vária).
 Torrejam: 115 (inscripção romana).

B) Algarve:

- Bacuris: 17 (moeda).
Balsa: 174 (inscrição romana).
Castro-Marim: 246.
Faro: 43 (inscrição romana).
Lagos: 31 (ruína), 102 (necrópole romana).
Monchique: 300 (vária).
Ossoulha: 43 (inscrição romana).
Salir: 40 (inscrição ibérica e antiguidades várias).
Silves: 338 (vandalismo).
Tavira: 174 (inscrição romana).
Torre d'Ares: 143 (marca sigilina).

C) Beira:

- Bobadella: 171 (inscrição).
Brenha: 122 (estação lusitano-romana).
Cárquero: 206 (inscrição romana).
Castendo (Insoa): 138 (inscrição romana).
Chões: 123 (cerâmica lusitano-romana).
Cóimbra: 75 (versos leoninos), 81 (inscrição), 339 (museu).
Dornes: 13 (com estampa).
Ferreira d'Ares: 116 (escultura e penedo).
Ferreira do Zezere: 85 (inscrição e castelo).
Infias: 26 (inscrição romana).
Junqueira: 123 (louça neolítica).
Lagares: 30 (etymologia popular).
Lamas do Vouga: 50 (cidade).
Lamego: 50 (ruínas, inscrição).
Langroiva: 156 (mina).
Lousa: 156 (fortaleza).
Loriga: 156 (penha esculpida).
Louredo: 157 (pégada de Nossa Senhora).
Lousã: 157 (castelo dos Mouros).
Maiorca: 188 («castello» de mouros).
Mangualde: 188 («castello»).
Marialva: 189 («cidade de Aravos»).
Marmelleiro: 190 (arcas auríferas).
Mata de Lobos: 192 (sepultura).
Matança: 192 (letreiro).
Mato: 254 (gruta).
Mira: 297 (vária).
Moita (Cantanhede): 203 (dolmens).
Moledo: 299 (vária).
Molellos: 341 (ruínas).
Monforte: 300 (ruínas).
Monsanto: 301 (vária).
Monteiro: 345 (outeiro da Bandeira).
Montemor-o-Velho: 343 (ruínas).
Moruja: 348 (vária).

Mosellos: 347 (muros).
 Nandufe: 348 (vária).
 Nogueira: 352 (Mouras).
 Oliveira (Alhadas): 206 (com figura).
 Pedrulha: 122 (ruínas lusitano-romana), 253 (inscrição).
 S. Jorge: 27 (caldas antigas).
 S. Martinho de Mouros: 347 (lenda).
 Santa Comba Dão: 338 (pelourinho).
 Santa Leocádia: 92 (sepultura).
 Tavadre: 203 (castro).

D) Entre-Douro-e-Minho:

Alto-Minho: 33.
 Barcellos: 151 (paço ducal, com figura).
 Barrosa: 14 (dolmen).
 Braga: 81 (inscrição), 82 (inscrição), 86 (moedas romanas), 119 (inscrição romana), 192 (inscrição romana).
 Dume: 85 (inscrição romana).
 Fraião e Pena da Rainha: 134.
 Junqueira: 28 (cidade).
 Juvim: 29 (cidade).
 Lamoso: 52 (Mouros).
 Lanheses: 52 (mina de estanho).
 Lavra: 91 (cidade).
 Leça: 92 (inscrição).
 Lemenho: 91 (castello).
 Lafrei: 157 (tumulo).
 Magrellos: 187 (castro).
 Manhuncellos: 188 (a pedra que falla).
 Marco de Canaveses: 32 (sepultura romana).
 Mentrestido: 256 (cova).
 Mindello (pedra de Guilhade): 297.
 Miranda: 298 («castello dos Mouros»).
 Mosellos: 348 (ruínas).
 Perosello: 115 (inscrição romana).
 Porto: 83 (inscrição latina).
 S. Frutuoso: 119 (moedas romanas).
 S. João de Rei: 27 (castro).
 S. Martinho de Sande: 119 (moedas romanas).
 Santa-Marta: 190 (dolmen).
 Santo Thyrsio: 342 (moedas romanas).
 Torre da Magueixa: 192 (inscrição romana).
 Vianua do Castello: 5 (castro de Santa Luzia), 175 (restos romanos).

E) Extremadura:

Alcobaça: 66 (o calix de ouro do mosteiro), 97 (id.), 129, 161, 79 (antiquidades romanas, com figura).
 Baralhas: 119 (ruínas).

- Cintra: 82 (subterraneo).
 Columbeira: 173 (inscripção romana).
 Coruche: 104 (instrumentos romanos).
 Debarbas (Leiria): 42 (inscripção romana).
 Juncal: 28 (assento primitivo).
 Lamas: 50 (ermida).
 Lapas: 90 (subterraneo).
 Leiria: 117 (banhos antigos), 330 (mosaico).
 Lisboa: 153 (antiguidades várias), 173 (inscripção romana), 212 (topographia historica), 258, 283 (antiguidades romanas), 306 (topographia antiga), 337.
 Lumiar: 158 (inscripção portuguesa).
 Moita: 347 (inscripção).
 Montargil: 304 (annexim).
 Santarém: 24 (com figura), 83 (sepultura portuguesa), 338.
 Santo Isidoro: 30 (inscripção).
 Troia de Setubal: 7 (ceramica romana).
 Valle d'Oros: 107 (dolmen).

F) Tras-os-Montes:

- Argozello: 336 (fibula, com figura).
 Bragança: 79 (Mouros).
 Carragosa: 184 (inscripção portuguesa).
 Escovaes: 290 (inscripção portuguesa).
 Estevães do Mogaalouro: 249 (várias antiguidades).
 Fonte Arcada: 184 (inscripção portuguesa).
 Friões: 84 (calção de pedra).
 Gimonde: 136 (ruínas e marco milliar).
 Izeda: 30 (cidade).
 Lamas: 49 (ruínas).
 Lamas de Orelhão: 50 (murallas), 290.
 Lobrigas: 155 (ruínas).
 Lomheiro de Maquieiros: 14 (com figura).
 Luzellos: 159 (vária).
 Macedo de Cavalleiros: 159 (chave de S. Pedro).
 Marzagão: 191 (ruínas várias).
 Mazouco: 255 (=castello).
 Mesão-Frio: 256 (sepulcros).
 Monforte do Rio Livre: 300.
 Montalegre: 303 (vária).
 Monte-Negro: 343 (minas).
 Mourão: 346 (vária).
 Picote: 143 (com figura), 336 (fibula, com figura).
 S. Jusenda: 114 (castro).
 S. Lourenço: 105 (cavernas).
 Samil: 105 (castro).
 Serra de Santa Comba: 290.
 Soutello: 184 (inscripção portuguesa).
 Torre de D. Chama: 279 (ruína).

Tralhariz: 193 (estação romana).
 Villa Pouca de Aguiar: 281 (dolmens).

G) Colonias: 10 (moedas), 47 (moedas).

H) Ilha do mar Persico: 84 (ms. arabe).

AMULETOS:

Portugueses: 287 (com figuras).

BIBLIOGRAPHIA:

Revista de Guimarães: 13.
 O dolmen da Barrosa: 14.
 Revue Archéologique: 52.
 Lápide romana da Geira: 87.

BIOGRAPHIAS:

P.º José Augusto Tavares: 17.
 Cornelius Boeckus: 49.

CASTROS:

De Lombeiro de Maquieiros: 14 (com estampa).
 De Samil: 105.
 S. Jusenda: 114.
 Tavadre: 203.

CONGRESSOS:

De Historia das Religiões: 123.

CURSOS ESCOLARES:

Aula de archeologia do seminario de Bragança: 44.

DOLMENS (OU ANTAS):

Antas em geral: 86.
 A Mesa dos Ladrões (Chão de Maços): 107.
 Da Moita: 203.
 De Villa Pouca de Aguiar: 281.

EPIGRAPHIA:

A) Iberica: 40 (Salir).

B) Lusitano-romana:

Debarbas — Leiria: 42.
 Inscrição de Salir: 42.
 De Ossonoba: 43.
 Do Museu de Bragança: 79.
 De Perosello: 115.
 Da Torrejam: 115.

Da Casa Branca: 116.
De N. S.^{ra} de Ayres: 117.
De Castendo: 138.
De Picote: 143 (com figura).
Marcas figulinas do Algarve: 143.
Inscrição da Crimeia (Alemtejo): 170.
De sítio incerto: 170.
De Bobadella: 171.
De Évora: 171-172, 331.
Da Columbeira: 173.
De Olisipo: 173, 283, 284.
De Balsa: 174.
Do Museu do Carmo: 174.
De Mertola: 175.
De Vianna do Castello: 176-177.
De Cárcquere: 206 (com figura).
De Serpa: 237.
De Moura: 345.

C) Inscrições em versos leoninos:

Museu de Coimbra: 75.
Várias: 334.

D) Portuguezas: 184 (Fonte Arcada, Carregosa, Soutello), 293 (Escovaes), 346 (Moura).

E) De diversas epochas ou de epochas indeterminadas: 167 (Valpaços).

EXTRACTOS:

A) Noticias archeologicas:

Das «Memorias Parochinas»: 26, 49, 90, 153, 187, 254, 297.

B) Maximas e reflexões:

Do Conde de S. Lourenço: 78.
De D. Fr. Amador Arrais: 166.

FIBULAS:

Transmontanas da epocha de La Tène: (com estampa) 336.

GRUTAS:

De S. Lourenço: 105.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA EM PORTUGAL:

Vid. *Cursos Escolares, Sociedades, Museus, Biographias.*

LEITORES (AOS): 1.

MUSEUS:

- Ethnológico: vid. *Aquisições*.
 Da Figueira da Foz: 177, 202.
 De Coimbra: 339.

NUMISMATICA:**A) Lusitana:**

- Monnales de Baesuris: 17 (com figura).

B) Romanas:

- Moedas de chumbo da Republica: 13 (com estampa).
 Achado de moedas: 119 (Braga e Torres Novas), 167 (Leiria), 285 (Lisboa), 342 (Santo Thyrso).

C) Portuguesa:

- Contos para contar: 52 (com estampas), 168 (id.)
 Medalha commemorativa do Centenario do Brazil: 120 (com estampa).
 Achados de moedas: 337.
 Numismatica colonial portuguesa: 10, 47 (com estampa).

D) Factos diversos:

- Congresso de Numismatica: 93.

Vid. *Cursos escolares*.

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS À ARCHEOLOGIA:

15. Gabinete numismatico de Bruxellas: 74.
 16. Ruinas de Italica: 75.
 17. Museu numismatico de Athenas: 166.

QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO:

- De Albano Bellino: 295.

SIGILLOGRAPHIA:

- Sello do P'adre-Mestre Gonçalo Origila: 24 (com figura).

SOCIEDADES:

- Archeologica da Figueira: 203.

ERRATAS

A pag. 173, linha 25, leia-se XXXIX em vez de XXIX.

A pag. 199 disse eu que ao norte do Douro se conheciam só, que me lembrasse, dois mosaicos romanos; mas esqueci-me de accrescentar que existe outro em Braga, que eu de mais a mais tinha visto havia annos. Acêrca do mosaico de Vizella vid. *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, 1881, pag. 145; estão desenhos d'elle no Museu de Guimarães.

Pag. 225, linha 6.^a, em vez de *de lá, por Faro*, leia-se *de lá, por Tavira e Faro*; linha 10.^a, adeante de *Bacsuris* accrescenta-se: *ao aro de Tavira corresponde Balsa*.

Pag. 227, linha 18.^a, em vez de *dedicou ao imperador Lucio Vero* leia-se *dedicou a Lucio Vero*.

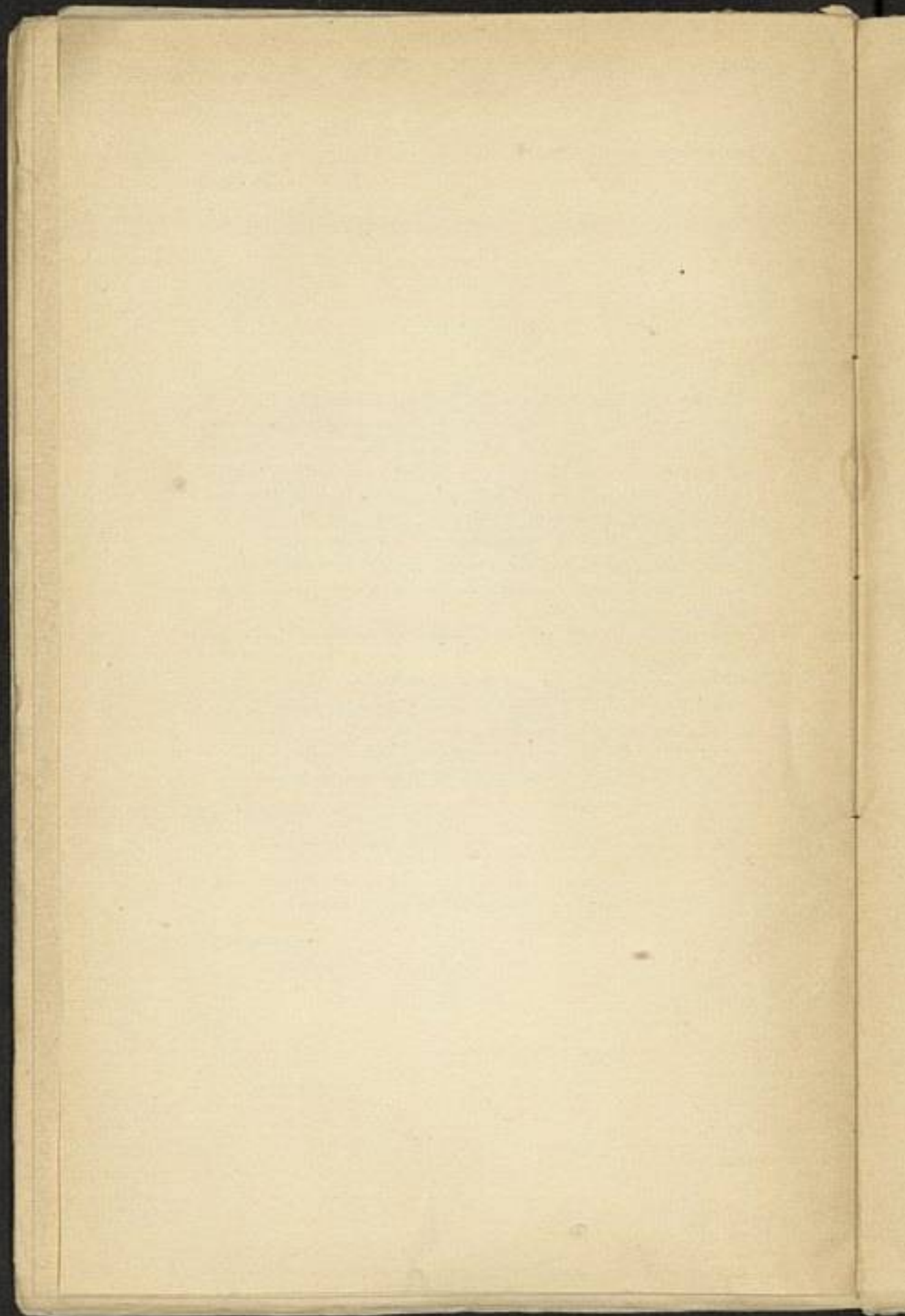
Pag. 233, linha 8.^a, em vez de *ao ponto* leia-se *a pontos*.

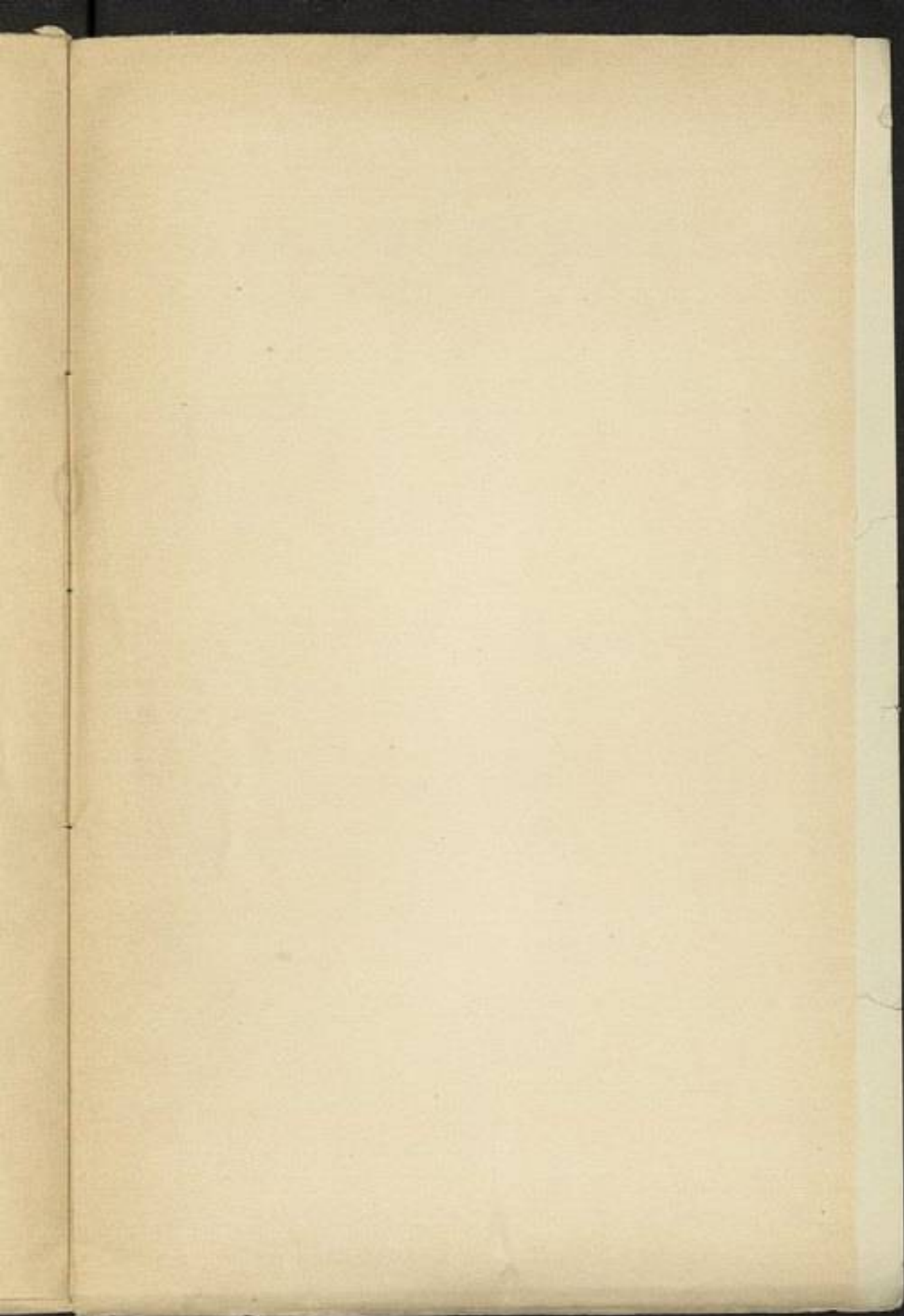
Pag. 240, linha 30.^a, em vez de *provém* leia-se *provinha*.

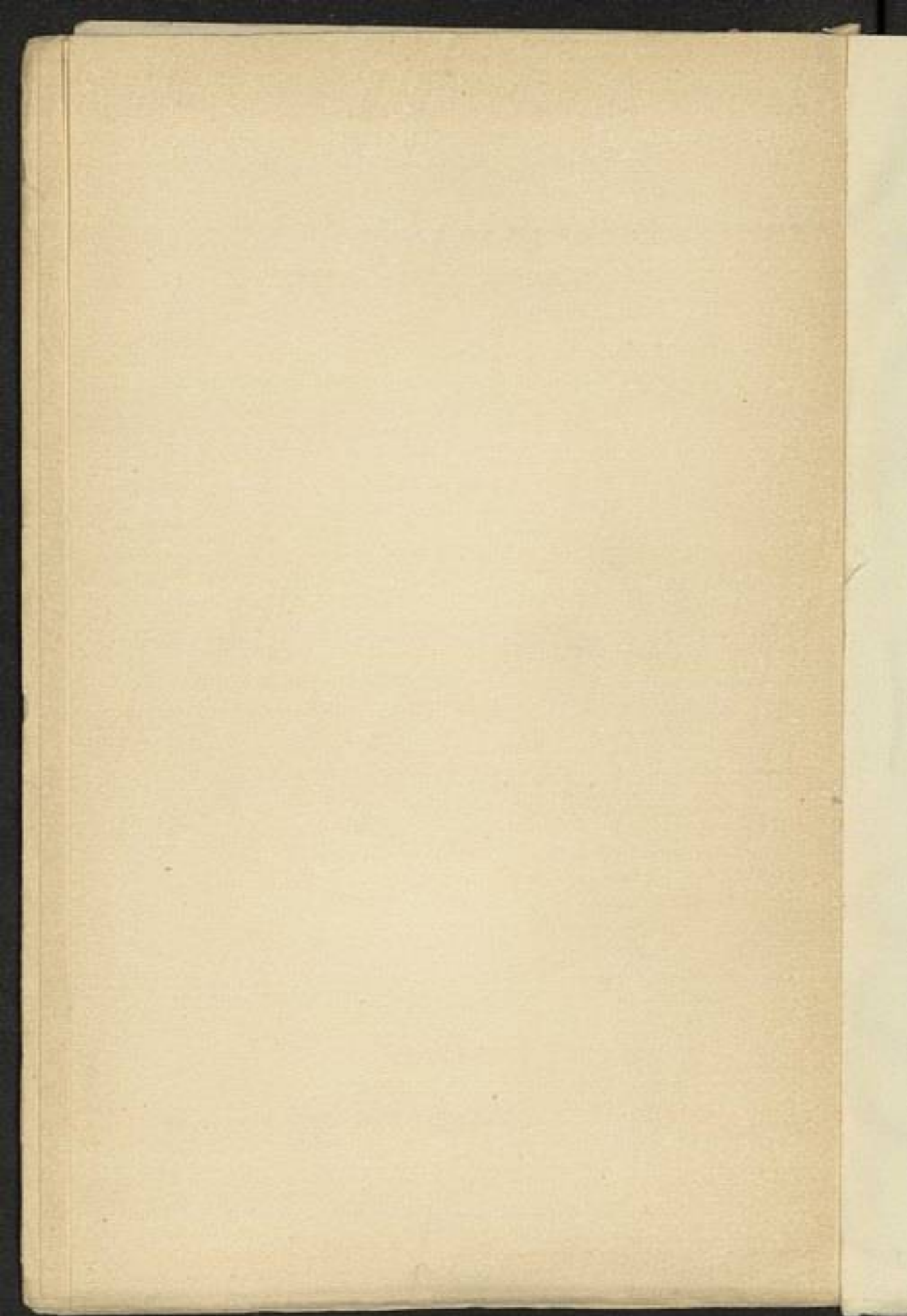
Pag. 283, linha 15.^a, leia-se *no mesmo* em vez de *do mesmo*.

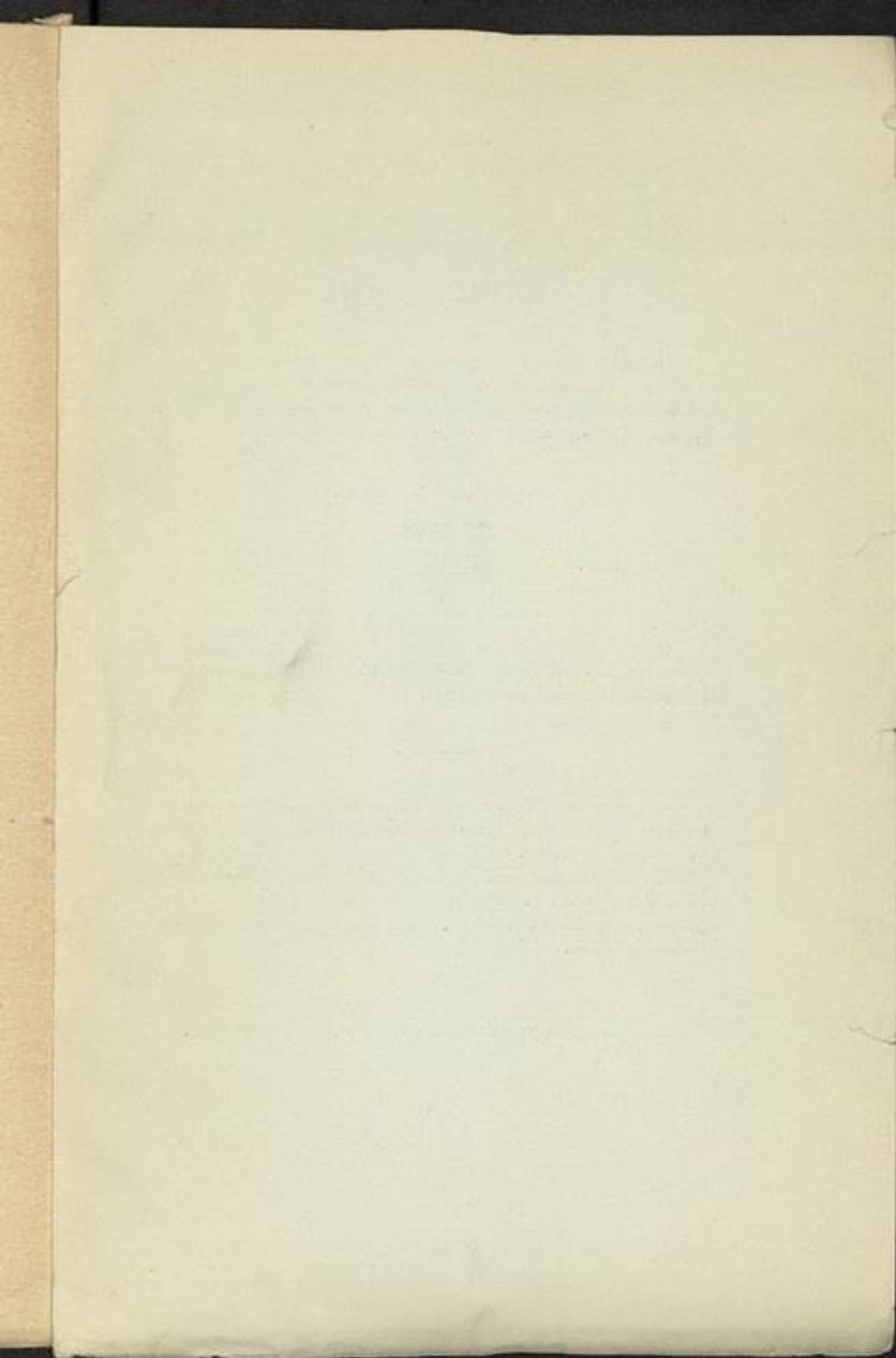
Pag. 286, linha 14.^a, leia-se *são pôde* em vez de *nada pôde*.

Pag. 286, linha 31.^a, leia-se *As pessoas* em vez de *As pessoas*.









EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	15500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.